ILUSTRAÇÃO

N.º 291 — 13.º ano

1-FEVEREIRO-1938

PREÇO-5 escudos

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

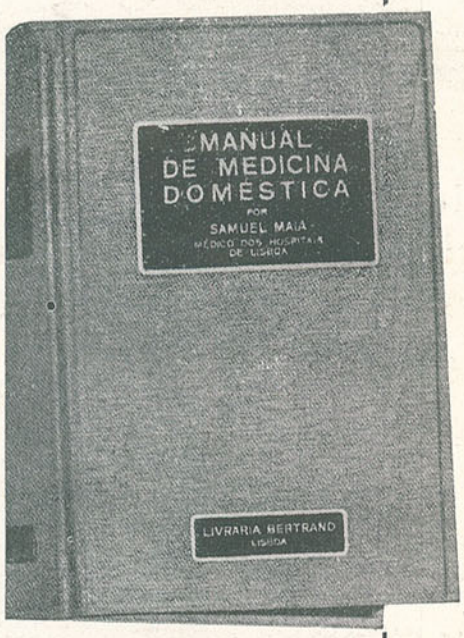
INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica,** é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra incontestàvelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre,** qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sôbre enfermagem,** mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; emfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tôda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGENCIA



EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

E assim, quando na **ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência,** ou na sua falta, como no interior e **sempre que seja preciso actuar imediatamente,** recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMESTICA,** nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75

ILUSTRAÇÃO
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Editor: José Júlio da Fonseca
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL – Rua da Alegria, 30 – Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

Administração – Rua Anchieta, 31, 1.º – Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Todas as creanças são felizes e saudaveis quando tomam a deliciosa

'OVOMALTINE'

diariamente

À venda em todas as Farmácias, Drogarias e Mercearias em 1/1, 1/2 e 1/4 de lata

DR. A. WANDER S. A. – BERNE

ÚNICOS CONCESSIONÁRIOS PARA PORTUGAL:

ALVES & C.ª (IRMÃOS) – RUA DOS CORREEIROS, 41-2.º – LISBOA

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podeis acalmar as vossas dôres com o

ESPECIFICO BÉJEAN

O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra

a **GÔTA**, a **SCIÁTICA**
os **REUMATISMOS**
Agudos ou Chronicos

e todas as dôres de origem artritica

Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.

À venda em todas as Pharmácias

Produits BÉJEAN - Paris

NOVIDADE LITERÁRIA

À VENDA

S. BANABOIÃO,

ANACORETA E MÁRTIR

novo romance de **AQUILINO RIBEIRO**

1 vol. de 330 págs., broch. Esc. **12$00**
Pelo correio à cobrança . . Esc. **13$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

Rua Garrett, 73 — LISBOA

Uma Moda Nova em Pó de Arroz

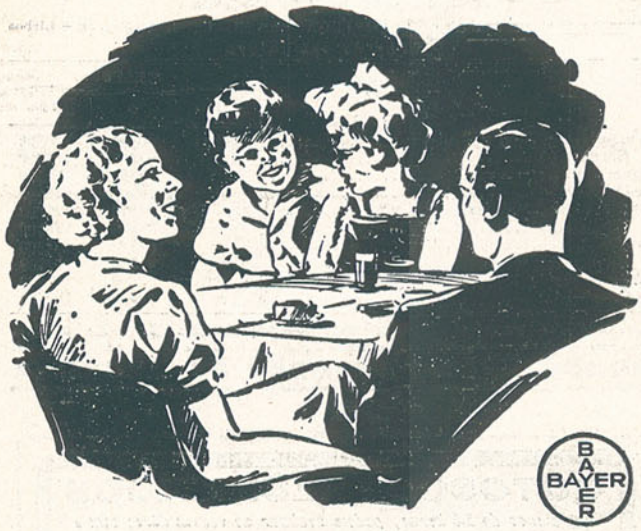
Faz uma surpreendente Diferença

O mais feio nariz luzidio e a pele mais grosseira e mais enrugada revestem-se ràpidamente duma surpreendente beleza quando se emprega êste pó de arroz, moda nova.

Pesquisas cientificas revelaram um novo ingrediente que faz permanecer o pó de arroz durante todo o dia. Chama-se «Mousse de Crème». Misturada ao pó de arroz, permite a tôda a mulher conservar o seu rosto fresco e encantador, mesmo com vento ou um dia frio e chuvoso.

Embora dansando na mais aquecida das salas de baile, ela mantem o rosto sem o menor vestigio de luzidio ou de gordura. A «Mousse de Crème» está agora misturada com o Pó Tokalon, segundo um processo registado. Este maravilhoso ingrediente torna o Pó Tokalon inteiramente diferente e dá uma surpreendente beleza ao rosto, impossível de obter com os pós ordinários.

A' venda em todos os bons estabelecimentos. Não encontrando dirija-se à Agência Tokalon, 88, Rua da Assunção, Lisboa, que atende na volta do correio.



Horas sem sofrer...
Horas felizes

A inexgotavel fonte da felicidade do lar é a franca alegria de viver. Esta precisa portanto ser conservada acima de tudo, banindo a dôr da da vossa vida, o que é facilimo se tomardes imediatamente

Cafiaspirina

assim que surgirem dôres de cabeça ou de dentes.

BAYER

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃIS

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado, encad., **17$00**; broc., **12$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

Um grande sucesso de livraria

À venda a nona edição, revista
11.º MILHAR

FÁTIMA

GRAÇAS * SEGREDOS * MISTÉRIOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**
Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

Um vol. de 378 págs., broc., com capa a côres e oiro . . **12$00**
Pelo correio à cobrança . . . . . **13$50**

PEDIDOS AOS EDITORES:
LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Dr. Bengué, 16, Rue Ballu, Paris.

Venda em todas as Pharmacias

GRAVADORES
IMPRESSORES

Bertrand, Irmãos, L.da

Telefone 2 1368

Travessa da Condessa do Rio, 27
LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR-DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

À VENDA

AQUILINO RIBEIRO

O galante século XVIII

Textos do CAVALEIRO DE OLIVEIRA

1 vol. de 324 págs., broc' . . . . . **12$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND — 73, R. Garrett, 75-LISBOA**

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR **ISALITA**

1 volume encader. com 351 págs.
25$00

Depositária LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75-LISBOA

O BÉBÉ

A arte de cuidar do lactante

Tradução de **Dr.ª Sára Benoliel** e **Dr. Edmundo Adler**, com um prefácio do **Dr. L. Castro Freire** e com a colaboração do **Dr. Heitor da Fonseca.**

Um formosíssimo volume ilustrado . . . **6$00**

Depositária LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75-LISBOA

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 2 0535

N.º 291 — 13.º ANO
1-FEVEREIRO-1938

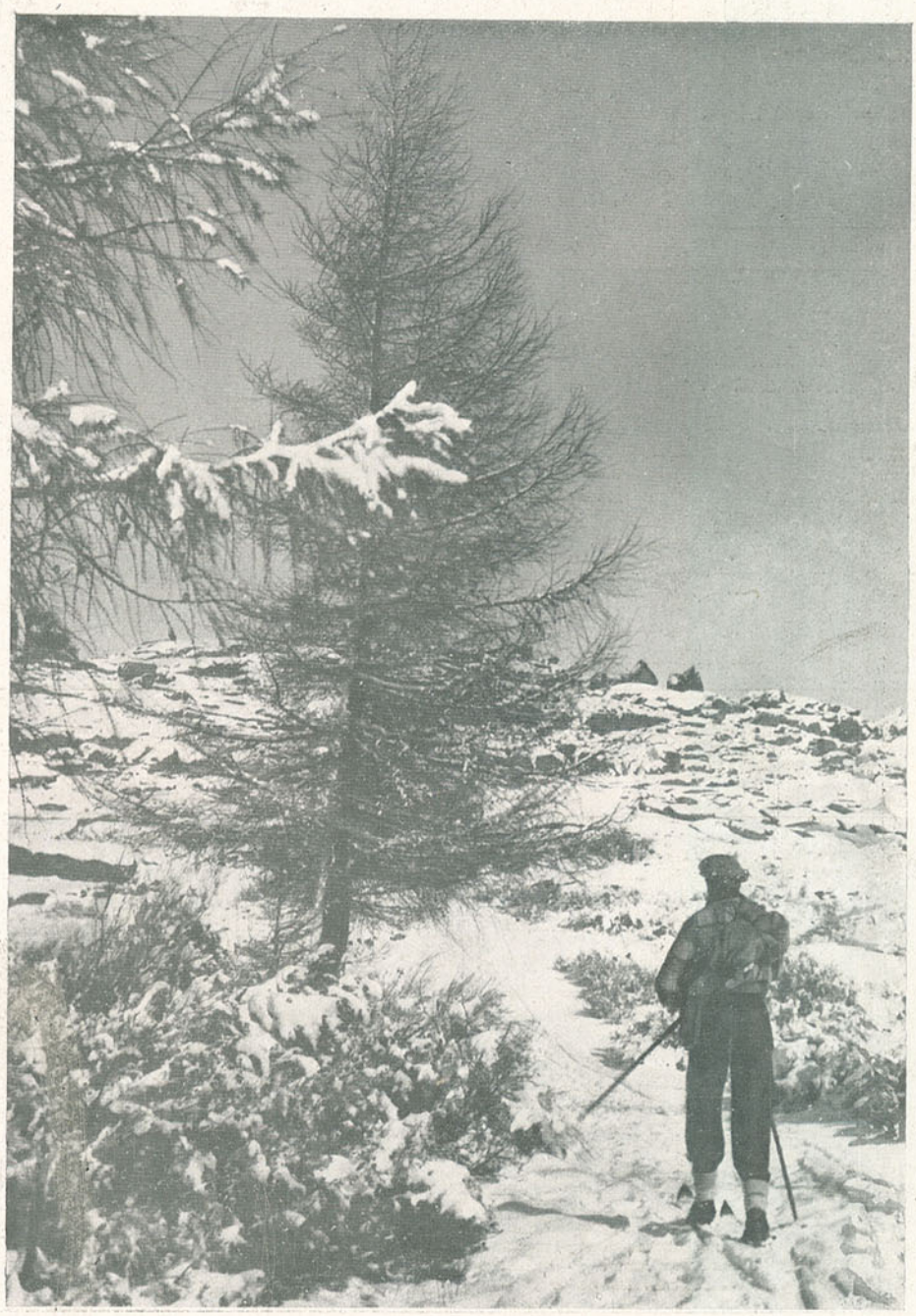
ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

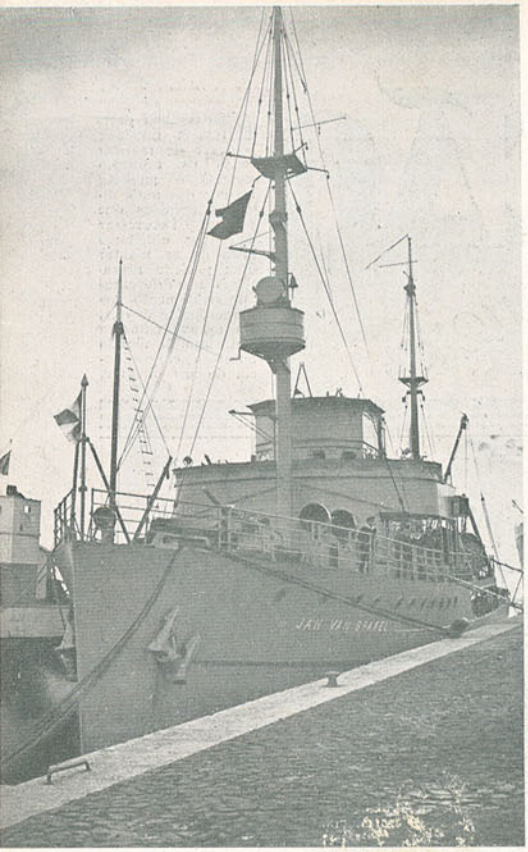
PELO carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

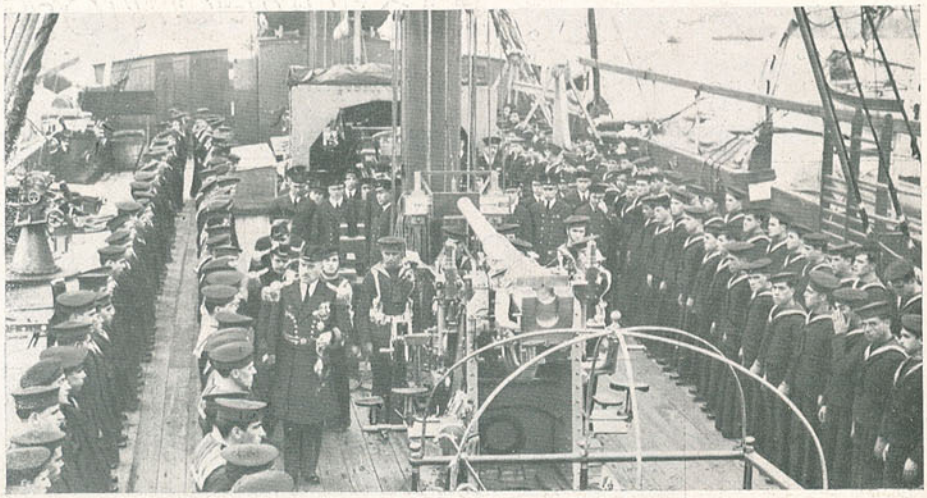
SÔBRE OS GÊLOS DA SERRA DA ESTRÊLA



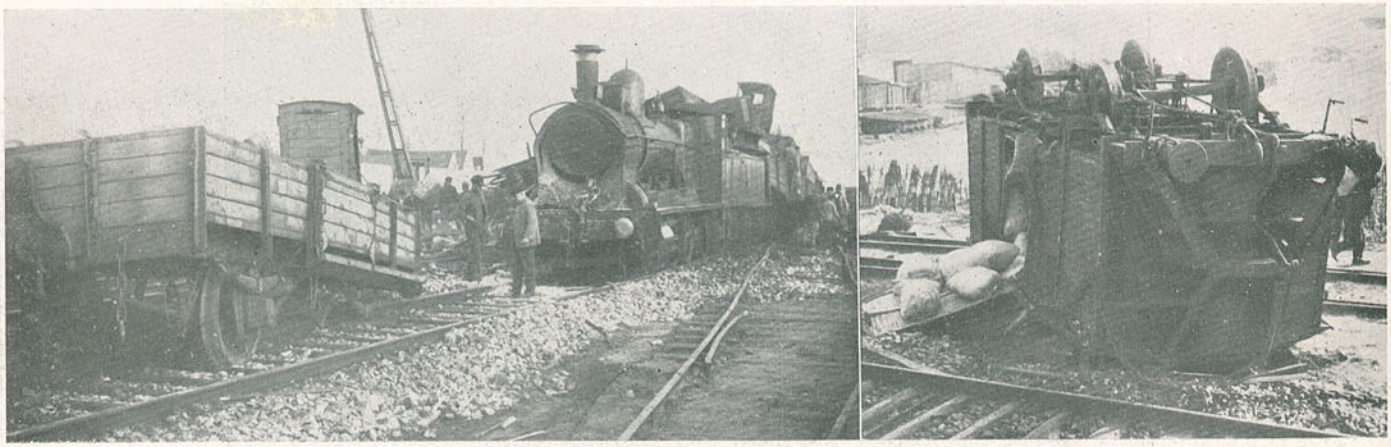
Branquinha como uma noiva, a Serra da Estrêla mantém, após tantos séculos, a graça que os pastores dos Hermínios lhe conheceram. Foi sôbre êsse gêlo que, há dois mil anos, se temperaram as indomáveis energias de Viriato, e é sôbre êste gêlo que a mocidade de hoje vai desenvolver a sua agilidade. Mudaram os tempos, mas a fé nos destinos da Pátria conserva-se perene e radiosa

NOTICIAS DA QUINZENA





O aviso lança-minas holandês "Jan Van Brakel" fundeado no Tejo. – *A' direita:* O capitão de mar e guerra, sr. Carvalho Crato, novo comandante das Fôrças Navais no Tejo, passando revista à guarnição da fragata "D. Fernando"



Importante desastre ferroviário na estação do Carregado, provocado pelo choque de dois combóios de mercadorias. Resultaram nove vagões descarrilados, uma locomotiva sèriamente avariada e outros importantes prejuizos materiais. O desastre foi motivado pela falta de visibilidade de sinais. As gravuras acima apresentam dois aspectos do acidente ferroviário

Na Câmara Municipal de Lisboa realizou-se, perante numerosa assistência, o acto da posse dos novos directores de serviços criados pelo novo Código Administrativo. A gravura acima apresenta o sr. engenheiro Duarte Pacheco ouvindo ler o auto. O ilustre presidente da Câmara Municipal teve esta significativa frase para os novos empossados: – "Deveremos ter a compreensão de que a cidade alguma coisa espera de nós"

ASPECTOS DA QUINZENA

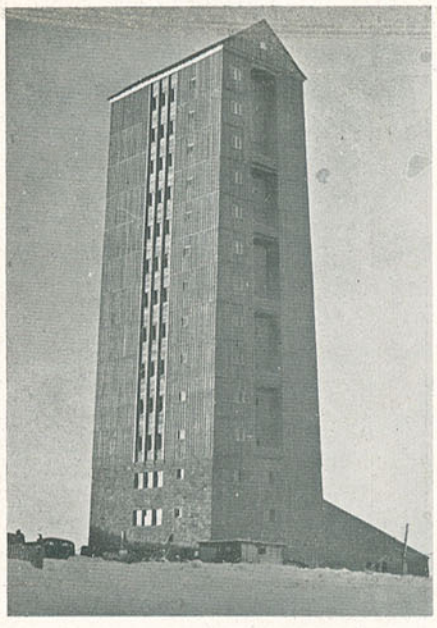
A Sinagoga Kadoovie (K. K. Mekar H'aim) inaugurada no Porto, vendo-se, à esquerda, um aspecto do interior do templo, e à direita, a fachada principal. A cerimónia inaugural, a que assistiu numeroso público, efectuou-se segundo o ritual, começando pela dedicação, procissão dos Sepharim, colocação dos Sepharim na Arca Santa, salmos e cânticos, seguindo-se orações pelo Chefe do Estado e membros do Govêrno português, pelas vítimas do fanatismo religioso, etc.

Comemoração do 38.º aniversário da fundação do Instituto de Odivelas, vendo se o sr. coronel Ferreira de Simas, director dêste estabelecimento de ensino, lendo o seu discurso na sessão solene. Assistiu o sr. general Amilcar Mota que representava o Chefe do Estado. — *A' direita:* O sr. governador civil de Lisboa recebendo os cumprimentos da direcção da Caixa de Previdência dos Profissionais da Imprensa

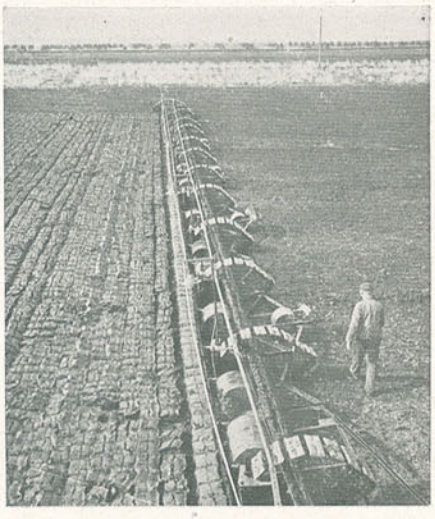
Os adidos militares ingleses na sua visita ao quartel da G. N. R. No picadeiro realizou-se uma sessão de volteio e saltos por cavalos montados por soldados do esquadrão

O genial artista Viana da Mota executando alguns belos trechos de Beethoven, Listz e Bach na festa de arte dedicada à J. O. C. no Teatro Politeama

ACTUALIDADES ESTRANGEIRAS



O edifício da nova estação emissora de televisão no Monte Brocken sendo a sua construção fechada hermeticamente às influências atmosféricas



A nova máquina de arrotear pântanos na Alemanha do Norte e que está dando os mais excelentes resultados, aumentando assim a produção agrícola

Jóvens da Juventude Nacional Grega, com os seus novos uniformes, prestando juramento à causa da Pátria, à semelhança do que se tem feito na Alemanha

Aspecto duma ascensão à montanha bavra de Zugspitzplatt

A princesa Carnaval com o seu séquito que brilhará em Magúncia

Um jovem alemão entre duas francesas num acampamento de Alpeck

Depósito em que se clarifica o amido extraído das batatas na Alemanha

Um gigante inglês com os seus camaradas mais pequenos no acampamento de Berghof

PINTORES NOVOS DE PORTUGAL

Vai desaparecendo entre nós a impenetrabilidade, por tanto tempo invencível, às inovações de verdadeira transcendencia artística. O classissimo impessoal e impotênte, a ortodoxía na emoção pictural, o burguesismo das preferências, tem recebido a pouco e pouco reacções saüdáveis de juventude em que a sinceridade plena é o mais glorioso dos poderes.

Já entre nós não acontece aos pintores novos — como aconteceu em França a Gauguin, a Cézanne, a Matisse na aurora do post-impressionismo — encontrarem do público uma imcompreensão cuja violência não era apenas metáfora, mas realidade concreta e contundente. Corresponde pois o nosso país, melhor ou piór, à crescente universalidade da livre crítica e da compreensão original que em outros vai permitindo uma contínua revolução nos processos e técnicas da arte.

De resto, com algumas excepções pitorêscas, os novos artistas plásticos de Portugal sabem ascender sem desvario a novas fórmulas e conservar o equilíbrio inteligênte na afirmação vigorosa da personalidade — resistindo nêsse ponto aos exemplos de fantasía doente que por vezes surgem no estrangeiro. Saiba-se, como exemplo, que ainda há alguns mezes o pintor super-realista espanhol Salvador Dali começou um conferência em Londres, quebrando meia duzia de ovos na cabeça de uma senhora, à maneira de prólogo; e em certa altura da palestra e como ilustração apropriada da palavra, despejou numa bota um porção de leite. Em Portugal, é muito possível que uma tal demonstração de arte levasse ao massacre dos artistas aventurosos. Mas nem êles o desejam, nem a sua concepção inovadora agride escandalosamente as noções tradicionais do gôsto.

E sobretudo porque a aspiração revolucionária entre os melhores, vai além das atracções efémeras do sensacional. Tem as suas raízes profundas numa nova consciência vital, numa emocionante descoberta da revelação interior, num individualismo em que pulsam humanamente tôdas as comoções humanas. Presa à terra pela paixão da "vida perigosa", ergue ao divino no homem — em sofrimento, em miséria, em ambição, em glória — uma longa mão que não receia as maiores profundidades e as maiores alturas.

Nêste esfôrço, em que há uma crispação inédita, muitas vezes inesperada, não sei se houve já alguma revelação de génio; houve e há, em alguns dos pintores novos, um talento que atinge momentos geniais, que aproveita da técnica os seus melhores poderes sem se escravizar a ela. E isto basta para fazer despontar esparsamente alguns valores contraditórios, que devem construír no futuro a harmonia de uma completa revolução plástica.

Entre os melhores e entre os mais novos, Magalhães Filho é dos que mais profundamente *convivem* com a sua arte. A sua vocação íntima para uma estética de sinceridade, de invasão ilimitada do Eu nos processos da pintura habitual, explica as próprias dificuldades da sua arte para o espectador comum. Na verdade, como artista, Magalhães Filho, dispensa o espectador, porque sente bem que a sua *comunicação* o ultrapassa.

Hà nos seus quadros uma emoção que não é de criança — porque tem a densidade da ironía, e a alma trágica — mas que conserva de infantil uma luminosa fantasía interior. Toma das imagens naturalistas e humanas uma violenta ressonancia íntima, engrandece-as em perspectiva pessoal, em visão profundamente pessoal, com um egoísmo rasgado que a sinceridade mais áspera não assusta. Com olhar desprevenido e puro, a paisagem é representada por êle com um verdadeiro "estudo de imaginação" Não lhe importam as considerações sufocantes da estética comum, os preconceitos da côr, o misticismo retratista das formas sem alma. É um pintor que grita a *sua verdade* com energia que parece arrogância e desprezo — que é sòmente, bem entendida, uma consciência apaixonada de que a sua deshumanidade de artista é muito humana.

Por isso mesmo é superior a sua concepção de arte que não aceita limites, senão os da própria vocação em entender com os olhos. Desce à realidade um espírito concentrado, recolhido, em que a própria exaltação emotiva tem a ordem exacta de tôda a sua estructura moral; mas dessa luta pelo domínio interior, fica sempre na obra uma contorsão em que se adivinha sofrimento.

É ao mesmo tempo um iluminado e um voluntarioso — daquela espécie de místicos criadores para quem o antagonismo da natureza, a resistência da matéria às mãos do artista, é mais um poder da personalidade. Uma obra desta natureza traz fatalmente os defeitos e as superioridades da terra humana que o gerou. É crispada, silenciosa, uma amargura distante, uma aspiração sufocada — como se na paisagem ou na figura pairasse vagamente a tristeza e a desilusão dos deuses.

O quadro que eu chamo "a ponte silenciosa", por exemplo, desperta nas suas linhas breves, nas suas côres simples e despidas, essa atmosfera densa, pânica, pesada, que parece trazer todo o temor da terra no primeiro dia da sua criação. Talvez mais que nenhum outro, êste quadro é de uma dolorosa deshumanidade — mas de uma deshumanidade como ninguem mais a soube dar entre nós, com tão forte significado humano. Porque a tragédia de sentir assim a paisagem, deshumanamente, diz mais sôbre o homem que tôda a arte voluntária de compreensão humana.

Olimpíada, por Magalhães Filho

Do mesmo modo, são de melancoli-amarga os seus retratos. Numa impossibilidade gelada, Magalhães Filho obtem das figuras a sugestão de uma ardente vida interior que voltou para si mesma as suas garras, que arde e sofre num incêndio de que não transparece a chama e o calor. Lembram essas casas isoladas na solidão imensa e rústica das planícies, de que não ouvimos, senão quando nos aproximamos, os risos e os choros da paixão humana que as habita. E no entanto, ninguém pode dizer, como se diz de Columbano com todo o seu génio difícil, que Magalhães Filho seja um pintor de morte. A morte não tem drama, não tem senão a repercussão do arripio transitório. E os quadros de Magalhães Filho, pelo contrário, sofrem dentro de quem os vê *até ao fundo da alma*, permanecem e "duram" na vida interior como sulcos cavados, onde corre profunda, indomável, a eterna torrente do desejo — do desejo fulminado pela condenação dos seus deuses.

O seu privilégio, é o dos artistas que só podem ser compreendidos pelos raros. Obriga a uma transubstanciação, se assim pode dizer-se, de que só os emocionáveis com o seu próprio *eu* serão capazes. Os santos e os heróis, são dessa espécie humana; mas o excesso da exigência moral ou activa que os domina, dificilmente os deixaria demorar na compreensão de uma arte demasiado terrena e demasiado estática. Os quadros de Magalhães seriam ainda integralmente compreendidos por uma outra espécie quimérica: pelas crianças imaginárias que ao lado da pura infantilidade, fôssem capazes de uma profunda análise interior.

Seriam êstes os espectadores "ideais", para Magalhães Filho. Isso não quere dizer que a sua arte, tão dolorosa e tão forte — tão prometedoramente imperfeita — não constitua para todos um magnífico exemplo da pintura nova em Portugal.

ÁLVARO SALEMA.

Um anjo segurando a coroa real, no túmulo do cardeal D. Jaime, por Rossellino

O sepulcro de D. Jaime de Portugal

em S. Miniato al Monte, dois passos de Florença

PARA quem, como eu, toma raras notas nas vadiagens de férias, e além dum ou outro «croquis», conta sobretudo com a memória, são desculpáveis as faltas, que o prazer das evocações não permite estar como numa arenga de mestre-escola. Recordar é ausentar-se em deleite do presente, e sofrer com amor a melancolia dessa ausência. Dürer gravou para a eternidade uma imagem dêsse sofrimento e dêsse deleite. A palavra *saüdade* vale em nebulose a precisão daquele genial desenho. E o *Desterrado*, de Soares dos Reis, completa a trindade dessa expressão, suspensa entre a angústia e o sonho, que as almas sentem e escondem de si próprias, tendo-as por segredos. Presumo que o animal só ao morrer, por mais infortunada ou gostosa que tivesse sido a sua vida, ao dizer adeus à luz, mostra na face o "delicioso pungir" de todos os corações. O *adeus* dos homens a Deus é dirigido, através de qualquer disfarce esperançoso.

São estas páginas, breves evocações motivadas por diversas razões; e assim, lembro-me hoje do Monte de S. Miniato, a meia dúzia de passos das velhas portas de Florença, só porque a minha imaginação percorreu ocasionalmente aquelas paragens.

S. Miniato é um convento de frades beneditinos e um miradouro repousante para os contemplativos. Erguido, em parte, pelo engenho de Miguel Angelo, quando construia as muralhas de defesa da cidade, por alturas do cêrco de Florença, datavam, no entanto, já do século XI os seus alicerces e o pavimento da igreja, onde jazem por gratidão dos monjes, os ossos de pessoas da família Buonarotti. Michelozzo foi o arquitecto da capela pegada, que possuiu em tempos um Crucifixo milagroso, levado para a igreja da Santíssima Trindade e que o *Duce*, ao mandar reabrir aquele mosteiro, dizem ter-se esquecido de o fazer voltar ao altar primitivo.

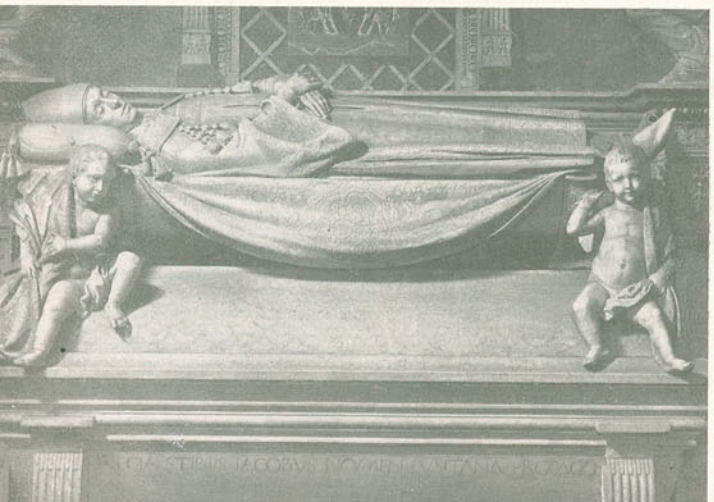
Estas e outras coisas mais, seráficas e importantes, me foram contadas pelo guardião de S. Miniato, quando lhe pedi para me abrir a capela onde jaz o *Cardeal D. Jaime de Portugal*, entalada na parede da nave, à esquerda de quem entra, e em cuja orla da porta de grade, se lê ter ela sido construida em 1466. É bem fácil de perceber a estouvada alegria com que penetrei nesta capela, tropeçando no degrau da entrada e indo de rodilhas segurar-me na cadeira episcopal que enfrenta o sepulcro, fazendo rir o meu douto e respeitável guia, que logo investigou da minha nacionalidade, por tão apressada exaltação com que me vira estatelar e examinar as obras de arte.

Na frente da capela, sôbre singelo altar de Carrara, deparou-se-me uma estupenda tábua de jeito realista, pintada por Pollaiolo, com três figuras de grandura quási natural, representando *S. Eustáquio*, de jibão curto e cabeleira à pagem, tipo elegante de florentino, o qual contrasta com a figura central de *S. Giácomo*, de capote a tiracolo, como os peregrinos e as tricanas, a face barbada e os pés descalços, com uma vara de juiz na sinistra e tendo no chão um chapeirão com conchas, o que fez ver por tais atributos e usos, que entre *Giácomo, Jaime e Tiago*, muitos artistas fizeram confusões, não se sabendo qual dêstes três nomes distintos é o verdadeiro, isto não contando com as vulgares misturas com *Jacob, Duarte* e *Diogo*, que por todos êstes chamadoiros os santos andam arredados.

Seja como fôr, êste quadro é dos mais belos e mais másculos que conheço do notável pintor; e tão bela obra é, que a Galeria dos Uffizi se assenhoreou dêle um dia, e só com grande custo o largou para o seu verdadeiro dono e destino. Ora êste painel e as demais maravilhas da capela, foram pagas com dinheiro português e, ainda que pertencente à Ordem, só com ordem de quem manda, dali poderiam ser furtadas. Do outro lado de S. Tiago levanta-se a imagem de *S. Vicente*, de livro na mão e sem caravela, vestido de diácono rico, com bordaduras no veludo, o crânio tonsurado e a expressão pensativa. Estas três imagens aureoladas e assentes no lagedo decorativo duma balaustrada ao ar-livre, explicam-se pelo nome do Cardeal D. Jaime, segundo se aprende na inscrição da tumba, que lhe chama *Jacopus Vicentio Eustáchio*, dando-o como morto em 1459, quando por mandato do Papa e indo de Roma para assistir a um concílio em Mântua, ali findou os dias, com o capêlo de Santo Eustáquio, que na pintura é galante rapaz.

Pelo já visto, êste moço Cardeal morreu apenas com 24 anos de idade. Filho de D. Pedro, de Alfarrobeira, ao lado de seu pai se bateu, tendo sido prisioneiro nessa batalha, que tão honroso cognome deu àquele. Fugindo depois para a Flandres, sua tia D. Isabel de Borgonha conseguiu-lhe de Nicolau V o barrete cardinalício, a-pesar-dos protestos da Cúria, que o achava tenro demais para tantas honras. A sorte, porém, não lhe deu vagares para gozos de vaidade, porque, além da vida agitada que teve, bem curta foi para dispêndios de prosápias. Só na morte a gala o bafejou, porque raríssimos príncipes tiveram tão formosa jazida, tão magnificente obra-prima trabalhada por quatro génios da Renascença.

Depois de Pollaiolo, o autor do quadro citado, Baldovinetti pintou a fresco uma encantadora *Anunciação* defronte do túmulo e, ladeando a tal cadeira minha protectora, finíssima de desenho e de graça, num grisalho de côr, precioso, com a Virgem dum lado e o Anjo do outro, em tamanho quási que humano. Luca della Róbbia adornou o tecto da capela, todo revestido com mosáicos translúcidos, donde ressaltam cinco medalhões de faiança policromada. São as quatro *Virtudes Cardeais* — símbolos de privilégio nas tumbas dos bispos e, não sei porquê, também na fachada do parlamento de Lisboa —, ao redor do círculo do *Espírito Santo*, sendo o fundo bordado com palhetas de esmalte. A medalha da *Fortaleza* representa um jóvem com o escudo de Portugal e uma acha de armas nas mãos. Bons tempos êsses em que o nosso escudo, com fortes razões como as colunas dos templos, podia ser utilizado para aquele símbolo de sólidos efeitos! Por último, António Rosselino lavrou tôda a escultura do mausoleu, pròpriamente dito.



Estátua jacente de D. Jaime de Portugal, por António Rossellino

Compõe-se êste de uma arca de mármore, suspensa em altas engenharias de marchetados vistosos, e sôbre a qual dorme a figura jacente de D. Jaime, mitrado e de vestes prelatícias, lavradas como brocado. A seus pés e à cabeceira, dois bambinos desnudos seguram as dobras duma colcha; e no cimo, de cada banda do glorificado, duas grandes figuras aladas, curvando-se em posição de quem ajoelha, sustêm uma corôa real. No alto do arco que fecha o sepulcro, com duas longas cortinas de Carrara abertas na vanguarda, aparece a *Virgem com o Menino Jesus*, dentro dum rico medalhão, com cercaduras majestosas de lavrados e que dois anjos e alguns querubins suspendem, completando a composição uma corôa de frutos e de fôlhas.

Tudo neste monumento foi esculturado com finos apuros de escôpro, como Rossellino sabia fazê-lo, compondo o quadro com delicado gôsto e grande mestria técnica, num estilo muito pessoal. Nem na Madona do Leite, que esculpiu para a igreja de Santa Cruz, em Florença, nem no túmulo de Maria de Aragão, em Nápoles, êle ultrapassou a perfeição encantadora desta obra-prima, que a luz discreta da capela, parece mais realçar a sua pompa e a sua arte. De resto, o nosso patrício cardeal, que mereceu a legenda de *régia stirps*, no túmulo, deve ter sido digno dêstes amorosos cuidados.

Nos vãos dos arcos laterais da parede, aparecem algumas figuras de santos, pintadas a fresco, possivelmente por Baldovinetti ou por discípulos seus, marcadas com a pureza do desenho da Anunciação citada, mas um pouco apagadas pelo tempo.

Digam-me agora se tive ou não razão para me precipitar desastradamente pela capela dentro e se aquela jóia de Arte, harmoniosa e fidalga, burilada por quatro Mestres para servirem o meu inocente orgulho lusitano, não justificou o meu espanto, esquecido das pisaduras contraídas com o afocinhar no lagedo! Depois é que foram elas... mas a arnica também cura as mazelas dos pasmos patrióticos. O fradinho riu e deu-me razão.

Medalhão da Virgem, por António Rossellino, no sepulcro de D. Jaime de Portugal

S. Vicente, S. Tiago e S. Eustáquio — quadro de Pollaiolo, na capela tumular de D. Jaime

Só não soube explicar-me a inscrição latina que cá fora começava assim: — "Álvaro Epus Silven cipus...", a-pesar-de saber tôda a história do monumento e até parte da de Portugal, no que me deu grato contentamento. Depois, com amor de apaixonado, mostrou-me a igreja tôda: — o púlpito do século XI; os mosaicos de jeito bisantino, da ábside — ou da *ousia*, em melhor português; os mármores do côro alto, com incrustações preciosas; as imagens do padroeiro e doutros bemaventurados; e os estupendos painéis da sacristia, pintados por Spinello Aretino, contando a história de S. Bento em dúzia e meia de frescos, qual o mais forte de composição, vigorosos e rígidos como a sua Ordem, a quererem rivalizar com os conjuntos de Giotto, mas com violências de pincel que êste delicado precursor repudiaria.

No final da romagem e ao despedir-me do paciente beneditino, prometeu-me êle, voluntàriamente, uma oração especial pelo meu país, não fôssem as labaredas do vizinho espalharem-se e não darem tempo a Portugal para pôr as barbas de môlho.

Cá fora, antes de descer a larga escadaria que dá para a Piazzala Michelangelo, espraei a vista pelo monte de Fiésole além, ergui-a até à Tôrre de Galileu, lá atrás, e baixei-a para as bandas da Cartuxa, metida entre vinhas e olivedos, com os seus fradinhos brancos e barbados, as cerâmicas de della Róbbia, nos claustros, os belos tampos tumulares, na igreja, o bizarro pôço de Miguel Angelo, na cêrca e os seus excelentes licores de frutos, invejando, assim, a sorte de quem vive naqueles lugares, e até a do príncipe-cardeal, que em S. Miniato al Monte, aguarda em socêgo o Dia de Juizo, quem sabe se ouvindo os lindos cânticos do fim da tarde, que, como um clarão, enchiam as naves daquêle templo.

DIOGO DE MACEDO.
Escultor

FIGURAS E FACTOS

O velho Arco de S. Bento que vai ser demolido para embelezamento da cidade, visto o plano das obras do Palácio do Congresso assim o exigir

O comandante do «Jan Van Brakel», chegado ao Tejo, conversando a bordo com o consul da Holanda

Os adidos militares ingleses, srs. major Jane e comandante Chamberlayne, na sua visita à Escola Militar onde foram recebidos pelos srs. general José Vicente de Freitas, coronel Beja Neves e outros oficiaes ali em serviço

Pátria Eleita é um delicioso livro de sonetos que o ilustre poeta José Trêpa acaba de publicar. Páginas encantadoras em que a inspiração ajoelha ante o altar da Pátria

Os funerais das vítimas da tragédia da Serra de Monsanto — em que uma pobre mãi se atirou à agua para salvar uma filha que suplicava auxílio, indo as duas para o fundo num desesperado abraço. As gravuras acima mostram o préstito saindo do Instituto de Medicina Legal, vendo-se à direita algumas das compassivas pessoas que acompanharam as desventuradas à sua última jazida

COMO HAROLD II AMOU A INGLATERRA

HÁ nove séculos quási, no tempo em que já, dissipadas as trévas do paganismo, a cruz do Redentor se levantava nos templos de Inglaterra, um rei, Eduardo — o Confessor — de nome, cingia a coroa real de Alfredo o grande.

Seria impossível encontrar em todo o reino um ente mais puro do que Eduardo. Contudo, os seus subditos, ainda, apezar da água do baptismo, verdadeiros filhos de Odin no desprezo pela vida, anseio pela luta e amor pela guerra, não compreendiam aquele príncipe irresoluto e pacífico — tão diferentes dos guerreiros nórdicos cantados nas sagas — e, embora lhe admirassem as virtudes, diziam, muitas vezes, com tristeza, que semelhante homem nascera para frade e não para rei. Eduardo não tinha filhos e já, na ambição de se apoderarem desse trono, o duque da Normandia e o soberano da Noruega, cada um por seu lado, espreitavam, avidamente, a ocasião da sua morte para cairem sôbre a Inglaterra.

Porém, a perspectiva dum monarca estrangeiro era odiosa aos habitantes da Albion, e, nos seus corações, todos êles, desde o mais humildo servo ao mais opulento barão, só um homem desejavam para rei — o irmão da raínha, Harold, o poderoso conde de Wessex, a quem o próprio Eduardo amava como filho.

— O conde Harold sim! — clamavam, entusiasticamente, os saxónios e os anglo-dinamarqueses que o tinham visto, magestoso como um viking na sua cota laminada de ouro e no seu elmo ponteagudo, na frente da batalha, abrindo sob uma mortífera chuva de dardos, clareiras de sangue nas fileiras inimigas com a gigantesca acha de armas que herdara do rei Canuto, seu tio — é um homem acima dos homens, um chefe acima dos chefes, um semi-deus, um verdadeiro filho de Odin!

E a Natureza, como para aureolar dum novo prestígio aquele que estava destinado a ser o ídolo de todos, não se esquecera lhe de conceder também a perfeição física. Harold possuia a beleza esplêndida dos saxónios no seu mais puro tipo.

Quando êle atravessava as ruas de Londres, as virgens saxónias detinham-se para o ver, fitavam-no deslumbradas, e largo tempo permaneciam olhando-o, esquecidas de tudo.

Harold seguia o seu caminho, mas elas ficavam a sonhar com o corpo musculoso e esbelto de atleta romano, as feições clássicas, a tez morena, os olhos de turqueza e os cabelos castanhos, mordidos de centelhas fulvas, do joven conde de Wessex.

— É belo como o sol, como um deus! — murmuravam as donzelas, sorrindo à varonil figura que a sua imaginação evocava. — E um rei entre os homens!

Contudo o belo Harold conservava-se indiferente a essas manifestações da admiração feminina. Nem mesmo Lady Aldyth, filha do opulento conde de Mercia, uma das mais formosas donzelas de Inglaterra conseguiu captar o seu coração.

O motivo das sucessivas recusas de Harold em escolher noiva consistia num facto bem simples. Em segredo, ele amava, adorava outra mulher. Antes de conhecer Lady Aldyth já se dera, e para sempre. A alma da sua alma, a sua bem amada, a soberana absoluta do seu coração era Lady Edith, sua prima — "Edith colo de cisne„ ou *Editha Pulchra*, como lhe chamavam os poetas que celebravam em versos saxónios e latinos a sua extraordinária beleza. Atravez dos cantos dos menestreis errantes, a Inglaterra inteira conhecia a deslumbrante formosura de Edith, os fios de ouro das suas tranças, o azul safira dos seus olhos, o seu corpo de estátua e o seu rosto de deusa...

— É linda como um anjo — dizia-se na piedosa côrte de Eduardo — e é tão boa como linda!

— Feliz, mil vezes feliz, aquele que ela eleger!

E o eleito foi o conde Harold. No dia em que, ao regressar duma longa ausencia, êle lhe disse que a amava, Edith compreendeu que a felicidade da sua vida começava, pois, pela primeira vez, o sol raiava para ela, e, num extase quási divino, viveram os dois um desses momentos supremos em que parece que se vive duplamente.

— Amo-te muito, Edith, mas, como os homens, que realmente merecem êsse nome, devem amar as mulheres: mais do que a própria vida, porém menos do que o lema que a minha vida tem — a defeza da independência da Inglaterra saxónia! — foi a confissão do conde de Wessex.

— Amo-te muito Harold, mas sinto que não te quereria tanto se, no altar das tuas afeições, me colocasses acima da Inglaterra! Eu sou a mulher, mas Ela... é a Pátria! — foi a resposta de Edith colo de cisne.

Trocaram os juramentos sagrados de uso e então ficaram noivos, prometidos um ao outro para sempre.

Porém, a voz da realidade veio acordá-los dêsse sonho. Ambos eram livres, ricos e poderosos, mas, como ambos, igualmente, descendiam, pelo lado materno, da Casa Real da Dinamarca, e a igreja proïbia a união entre parentes, o casamento aparecia impossível, a não ser que o rei pedisse a dispensa ao papa, ou que um dia Harold, bastante poderoso êle próprio, pudesse obter a autorização de Roma.

E os anos passaram, sem que o amor desvairado que unia êsse par admirável sofresse o mais leve abatimento.

Por amor a Êle, Ela renunciou a todos. Por amor a Ela, Êle a todas as outras desprezou.

— Não terei outra esposa a não ser Lady Edith — dizia sempre o conde de Wessex.

Harold e Edith

— Não terei outro esposo a não ser Lord Harold — repetia sempre Edith colo de cisne.

Cansado pela idade, Eduardo — o Confessor acabou por entregar todo o govêrno do reino nas mãos do cunhado, de modo que Harold só raros momentos podia roubar às suas graves ocupações para os consagrar à noiva. No entanto, mal conseguia umas horas de liberdade lançava apressadamente sôbre os ombros uma capa de lã escura, a fim de ocultar as suas sumptuosas vestes cobertas de bordados de ouro e duma cascata de pedrarias, montava o seu melhor cavalo e partia a galope.

Ràpidamente atravessava a cidade, passava a ponte, metia pelos caminhos solitários e galopava, galopava sempre, até avistar a morada daquela que êle chamava "a alma da sua alma„.

O ruído dos passos do cavalo, ecoando na estrada deserta, anunciava a sua chegada, de maneira que, ao aproximar-se, Harold avistava imediatamente encostado a uma árvore, um poético e gentil vulto de mulher, vestida de branco, envolta em grandes véus flutuando ao vento...

Era a fada de cabelos de ouro fiado. Era a rosa de Inglaterra. Era "Edith, colo de cisne„.

O conde apeava-se dum salto, acariciava distraídamente os cães que corriam ao seu encontro latindo de alegria, e, com o coração batendo-lhe apressado, precipitava-se para Lady Edith.

Levava aos lábios as suas níveas mãos de princesa, e, num gesto lindo, beijava-lhe as pontas das suas longas tranças loiras.

E, durante horas e horas, passeavam os dois, de mãos dadas, pelos campos verdejantes, esmaltados de viçosas flores, falando do presente, conversando do futuro.

Entravam na sala principal.

Edith retomava o seu lugar, junto do

Harold em Hastings

bastidor onde se via começado um pendão para Harold e da roca onde fiava o branco linho para oferecer às igrejas protegidas pelo noivo.

O conde sentava-se a seus pés, num escabelo, arrancava-lhe o fuso ou a agulha das mãos e, com a cabeça reclinada nos seus joelhos, continuava falando-lhe no futuro, isto é no dia feliz em que a pudesse instalar como senhora no seu palácio de Londres.

Edith sorria, acariciando-lhe ternamente os seus cabelos castanhos, sonhando também com êsse dia feliz e assim passavavam horas...

De madrugada, quando já a Aurora, a deusa das asas brancas, abria, com os seus dedos côr de rosa, as portas do Oriente, Harold arrancava-se tristemente dos braços da sua bem-amada, montava a cavalo e partia, sem dizer quando poderia voltar.

Mas Edith resignava-se, compreendendo que, antes de pertencer a ela, êle pertencia à Inglaterra, que primeiro do que a dama real estava a Pátria, a bem-amada ideal, e sentia-se orgulhosa por ter sido eleita por aquele paladino, que era uma espécie de arcanjo S. Miguel, nascido para defender o reino até à morte!

Ah! Edith tinha razão! Enquanto nas veias do conde de Wessex restasse uma gôta de sangue, nunca um estrangeiro usurparia o trôno saxónio!

A guerra veio, em breve, separar Harold da noiva. O rei e os príncipes de Gales, auxiliados por alguns chefes saxónios rebeldes e por uma frota de piratas noruegueses, revoltaram-se contra o rei Eduardo e invadiram as fronteiras, incendiando, saqueando e devastando tudo à sua passagem.

Eduardo, o Confessor ficou aterrorisado pois — bem sabia — que dêsde que a Inglaterra era Inglaterra, nunca os saxónios tinham conseguido expulsar os vikings invasores, nem hoste alguma havia voltado triunfante do país de Gales.

Todos tinham sido derrotados e massacrados, até o último homem, nêsses terríveis desfiladeiros.

Harold, chamado à pressa, encerrou-se nos seus aposentos e, após uma noite de vigília passado em frente a um mapa topográfico — os rudes mapas de então — estudando o plano de campanha, mandou desfraldar o seu pendão e partiu ao encontro do inimigo.

Uma vez os vikings da Noruega, postos em fuga depois de uma sangrenta batalha naval, o conde de Wessex, comandante em chefe das hostes reais, embrenhou-se no selvagem país de Gales e, à frente de todos, combatendo como um soldado na primeira fila, venceu, após uma rude campanha em que, de novo as suas qualidades de "grande capitão" se evidenciaram, a bravura indomável e a tenaz resistência de Gales.

De Hereford a Caerleon, de Caerleon a Wildford, de Wildford a Snowdon, caminhou, de triunfo, "Hic victor fuet Haroldus", lia-se gravado na pedra em cada um dêsses campos de refrega.

De novo a estrêla da sua vida lhe fez encontrar Lady Aldyth, já então viuva. De novo o quizeram levar a desposá-la. De novo êle recusou. O seu coração pertencia a Edith, ùnicamente a Edith. Ou ela ou nenhuma.

O conde Harold voltou a Londres coberto dos louros da vitória e foi recebido como um rei pelo povo delirante de entusiasmo.

Decorreram mezes. Um dia, estava Harold no seu palácio de Londres, quando viu entrar inesperadamente sua mãe. Sem corresponder às suas afectuosas saudações a princesa Githa, a altiva irmã do rei da Dinamarca, ajoelhou-se aos pés do filho e disse-lhe:

— Não é como mãe que hoje te procuro, Harold, mas como suplicante. Venho recordar-te o cumprimento duma antiga promessa. Há anos, quando o rei deu ao duque da Normandia, teu irmão e teu sobrinho como refens, juraste-me que, no caso de ser volvido o tempo estipulado e o duque tardasse em deixá-los regressar a Inglaterra, irias tu próprio, em pessoa, reclamá-los. O tempo ajustado há muito que expirou e a tôdas as mensagens que o rei Eduardo, no sentido da volta de Wolnoth e Hacco, lhe envia, o duque, responde com evasivas. Os anos passam e o meu filho e o meu neto continuam a viver no exílio...

— Tendes razão, minha mãe — respondeu o conde, levantando ternamente a princesa da Dinamarca — em me recordardes o meu dever. Hoje mesmo, pedirei a Eduardo, autorização para ir à Normandia buscar Wolnoth e Hacco.

Nessa própria tarde, o conde de Wessex dirigiu-se ao palácio real e exprimiu ao soberano o seu desejo de ir à corte normanda reclamar o irmão e o sobrinho.

O rei quedou-se triste e meditativo e, ao cabo dum longo silêncio, respondeu ao cunhado, numa voz trémula de emoção.

— Não vás, Harold, meu querido, não vás aos domínios de Guilherme, o bastardo. Conheço o duque e o seu espírito ambicioso. Odeia-te e nada conseguirás dêle, sem que isso lhe traga grande proveito. Adivinha-me o coração que essa jornada te traria grande dano...

— Jurei a minha mãe que, se o duque da Normandia tardasse em nos restituir Wolnoth e Hacco, iria reclamá-los. Tenho que cumprir a minha promessa, custe o que custar — retorquiu nobremente o conde de Wessex.

— Vai então — suspirou amargamente Eduardo, o Confessor. — Não ouso reter-te. Juramentos são coisas sagradas. Vai e permita Deus que voltes...

Harold, olhou o seu régio cunhado atónito, intrigado com aquela sibilina linguagem, sem compreender o que ela queria insinuar.

Leal e cavalheiresco como era o paladino de Inglaterra julgava os outros por si e recusava-se, no seu íntimo, a crêr que Guilherme da Normandia fôsse, como Roberto do Diabo, seu pai, um demónio vindo do inferno e destinado a voltar para lá.

Volvidos dias, depois de ter recebido a benção de sua mãe, osculado a mão do rei e da raínha, sua irmã e colhido nos lábios de Edith um rápido beijo, o conde de Wessex, a cavalo, de falcão em punho, seguido duma esplêndida comitiva, deixava despreocupadamente a cidade de Londres.

E uma formosa nau desfraldou as suas velas brancas, em Sussex, próximo de Bosham, e deslisou sôbre as águas azulinas franjadas dum níveo manto de espuma, com a imponência dum cisne.

Dentro ia esperança de Inglaterra e os seus amigos e fieis servidores...

O duque da Normandia, recebeu-o como um irmão, no meio das mais luzídas festas, mas, um mês não era decorrido, já êle exclamava, no meio da maior veemencia:

— Maldita a hora em que eu deixei a minha Pátria! Ah Eduardo, tinhas razão! Mil vezes razão!

A sua jornada resultara, em parte, inútil, pois, entontecido pelas voluptuosas caricias duma nobre dama de Rouen, Wolnoth, esquecera o sólo natal e declarara-lhe terminantemente que não queria regressar a Inglaterra.

Mas ainda não era tudo...

Seu sobrinho Hacco, um jovem belo e sombrío como um arcanjo exterminador, tendo acolhido sem alegria nenhuma, antes pelo contrário, a sua chegada, chamara-o à parte e, usando o idioma patrício, dissera-lhe, torcendo as mãos, dominado por um desespêro cruciante:

— Que loucura, Lord Harold, que loucura haveis cometido em atravessar o oceano e virdes lançar-vos — vós a esperança, o paladino de Inglaterra — nas mãos do pior inimigo da independência de Inglaterra! Não conheceis a fama de Guilherme, o bastardo? Astuto como uma raposa, perigoso como uma serpente, sanguinário como um leão e traiçoeiro como um tigre é como todos o descrevem. Pois bem, as descrições ficam ainda muito àquem da verdade. Não escuteis as palavras de Wolnoth. E' um fraco de quem o duque fará um crimi-

noso e um traidor. Eu é que sei, pelo muito que tenho visto e escutado, fazendo-me passar por tolo, os segredos desta côrte, os crimes monstruosos que se têm cometido dentro das paredes dos castelos ducais por ordem dêsse homem habituado a desembaraçar-se dos seus inimigos rivais e parentes, pelo ferro e pelo veneno. Acolá, nas masmorras, subterrâneas, gemem, carregados de ferro, ilustres cativos. Ali, na sala dos banquetes, agonizaram o conde e a condessa de Pontoise, depois de haverem ceado com o duque, seu primo, que lhes disputava a herança da província do Maine.

Além, nas estradas, quantos barões não têm encontrado a morte às mãos de salteadores pagos por Guilherme?

— Eduardo, o Confessor disse-me — respondeu surdamente Harold — que não passasse à Normândia, pois o duque me odiava e não abandonaria os refens, sem que grande proveito lhe resultasse e que, além disso, receava pela minha vida e segurança aqui.

— Será então verdade que o rei é, como diz o povo, um santo dotado pelo bem com o dom da profecia? — pasmou Hacco.

— Sim, é verdade — continuou, voltando-se para o tio — o duque espera de vós uma coisa, sem a promessa da qual nunca permitirá que, torneis a ver as costas de Inglaterra. Nunca ouvistes dizer que o duque aspirava a suceder no trono a Eduardo?

— Ouvi, sim — murmurou o conde Wessex, curvando a cabeça — mas confesso que não acreditei...

— O duque da Normândia quer é extorquir-vos o juramento de que, Eduardo uma vez morto, o ajudareis a apoderar-se da corôa saxónia. Em paz, oferecer-vos-á a mão duma das suas filhas e metade de Inglaterra!

— O duque não conhece Harold de Wessex — respondeu êle estoicamente ao sobrinho, cruzando os braços — Prefiro morrer a pronunciar êsse juramento que não posso, nem devo cumprir!

Um sorriso sarcástico desenhou-se nos lábios pálidos de Hacco.

— Nem outra declaração esperava do vosso nobre espírito Lord Harold. Sei que sois um bravo, entre os bravos, incapaz de pestanejar à ideia da morte mas...

— O que quereis dizer Hacco? — interrompeu severamente o conde Harold — censurais o facto de eu preferir acabar miseravelmente aqui, a desonrar-me prestando um juramento falso?

— Censuro, sim! — retorquiu energicamente o jovem Hacco — porque estais em êrro. Ninguém se desonra quando, obrigado pela fôrça, faz uma promessa a um bandido, e Guilherme não passa dum bandido coroado. E, mesmo que fôsse uma desonra, primeiro do que a honra está a Pátria e vós não tendes o direito de dispôr da vossa vida imolando-vos voluntariamente aqui. Sem o vosso braço forte, sem a vossa acha fulminante o que seria da Inglaterra? Escutai o meu conselho. Jurai tudo o que o Bastardo exigir e, uma vez livre, se êle ousar recordar os vossos compromissos, ou aventurar-se no solo inglês, inflige-lhe uma lição.

Só havia realmente essa maneira de sair da terrível emergência em que, para obedecer aos desejos de sua mãe e aos ditames da sua consciência, se colocara.

Harold comprometeu-se solenemente com o duque da Normândia e, mediante essa promessa deixaram-no partir livremente com Hacco.

A formosa nave branca fez-se à vela e chegaram a Londres.

— Pela Inglaterra sacrifiquei a minha honra — disse o conde tristemente ao sobrinho no momento de desembarcar — Espero que a Pátria amada mais me obrigue a renunciar.

— Não te avisei, Harold — disse o velho monarca quando o cunhado lhe rematou a sua visita à côrte normanda — não te aconselhei que jamais te aventurasses nos domínios de Guilherme, o Bastardo?

— Nada temas, meu filho — disse o santo prelado Alred, bispo de York, — de novo te repito que, à face de Deus e da Igreja, êsse juramento extorquido não conta. De resto, seria preferível faltar a uma promessa, que cumpri-la praticando assim um crime, pois, antes de mais nada, tu és filho de Inglaterra e atraiçoar a Pátria entregando-a a um estrangeiro, é um matricídio! Nada temas. Se nisto há pecado tomo-o, sôbre mim e por êle responderei ao Senhor!

O tempo prosseguiu a sua marcha inquebrantável. Nos fins do ano de 1605, o rei Eduardo, sentindo-se prestes a ir reünir-se aos seus antepassados, designou Harold para seu herdeiro e sucessor.

Mas nêsse instante supremo, no momento em que, vendo-se prestes a ascender ao trôno, decidira pedir ao papa a autorização necessária para fazer de Edith a sua espôsa e a sua rainha, os prelados e barões saxónios procuraram-no solenemente e expuseram-lhe a aflitiva situação do país: miséria extrema do tezouro; ausência absoluta de fortificações; desordens e conflitos internos. Por um lado, o país de Gales, aliado ao conde de Mercia e ao rei da Escócia, pronto a de novo sublevar-se. Por outro, o rei da Noruega e o duque da Normândia, preparando-se, um pelo Norte, outro pelo Sul, para invadirem a Inglaterra.

Era, pois, absolutamente necessário, terminar, ao menos, as discórdias internas, isto é, chamar ao seu partido os condes de Mercia e de Northumbria, desposando Lady Aldyth, sua irmã.

O golpe não podia ter sido mais cruel. Mas Harold era um homem da têmpera dos herois romanos de outrora, e passado o primeiro momento de revolta, reconhecendo a justiça dos seus súbditos, decidiu, embora com a alma despedaçada, imolar à Pátria a sua felicidade e o seu amor. A própria Edith — exemplo de dedicação levada até ao sublime! — o desligou dos seus juramentos e o aconselhou ao sacrifício.

Lady Aldyth, vendo realizado o sonho da sua mocidade, despiu alegremente o seu luto de viuva, revestiu-se de brocados roçagantes e correu ao encontro de Wessex. Pálido ainda do violento combate que se travara no seu íntimo, com o coração sangrando de dor, Harold tomou-a pela mão e conduziu-a ao altar.

Harold no País de Gales

Não era uma noiva, não era uma mulher que êle via nela, mas a Inglaterra personificada num ente. Foram os seus esponsais, os seus esponsais supremos com a Pátria. E Edith retirou-se para um convento.

No primeiro mês de 1666, Eduardo adormeceu para sempre na paz do Senhor e Harold, eleito por unanimidade, foi coroado rei na Abadia de Westminster. Principiou a governar tornando-se respeitado e adorado por todos os seus súbditos.

Mas um novo Caim surgiu a ameaçar o novo Abel...

Lord Tosting, irmão de Harold, não pudera ver, sem uma violenta inveja a subida ao trôno do primogénito e, decidido a derrubá-lo do poder, fôra à Noruega convidar o rei, o famoso poeta viking, autêntico anjo da vitória, que percorrera as costas da Rússia, Suécia, Turquia e Sicília no seu "navio negro, cheio de guerreiros, terror dos povos", como êle dizia, sempre coroado de louros a invadir o reino saxónio.

— "Todo o Mundo sabe — disse-lhe Lord Tosting — que não há em todo o Norte guerreiro que te iguale. Nada mais tens que querer e a Inglaterra será tua!"

— "Meter-me-ei ao mar, logo que a fusão dos gêlos deixe livre o oceano!" — respondeu o soberano norueguês.

Tosting sorria triunfante.

O inverno passou. Veio a primavera. Os martelos ressoaram nos estaleiros normandos construindo a frota destinada pelo duque Guilherme, o bastardo, à invasão de Inglaterra. Os gêlos de Báltico principiaram a fundir-se.

O rei da Noruega e Tosting fizeram-se à vela nos "corceis do mar". Subiram o Humber, desembarcaram em Richall e tomaram York ao conde de Northumbria. A cidade foi saqueada, os homens massacrados e as mulheres capturadas. Os dois aliados passeavam triunfantes, vestidos de gala (túnicas azuis bordadas

A luta peito a peito

a oiro e elmos refulgentes de pedrarias) quando uma nuvem de poeira que se elevava no horizonte lhes atraiu a atenção. A nuvem dissipou-se deixando entrever uma floresta de lanças. A' frente flutuava um estandarte com o dragão dourado de Wessex. Era o rei Harold que vinha sôbre êles.

Antes de dar batalha, por duas vezes o soberano inglês mandou, e até foi êle próprio, dizer ao irmão que desistisse da aliança com o estrangeiro invasor. Mas o pérfido Tosting recusou.

Os noruegueses correram à luta conduzidos pelo seu rei, entoando estrofes de guerra.

Cantemos, marchemos, conquanto sem couraça sob o gume de ferro azulado. Os nossos elmos brilham ao sol, é o bastante para os homens corajosos.

O sangue saxónio e norueguês correu em torrentes. Dir-se-ia uma luta de titans e não de homens, uma dessas lutas descritas pelos *skalds* travadas entre os deuses do Walhalla. A vitória coube ao dragão dourado de Wessex e o estandarte do famoso rei da Noruega caíu derrubado pelos saxónios. Ao terminar a batalha, a maior parte dos vikings do Norte dormiam o último sono com o seu rei e Lord Tosting no campo da luta.

Depois de haver posto em liberdade os chefes prisioneiros a quem, segundo os bárbaros costumes dêsse século, tinha o direito de massacrar, Harold II assistia, em York, a um banquete dado em honra do triunfo obtido sôbre os noruegueses, quando um mensageiro, coberto de lama e de pó, caiu aos pés do trono real, meio morto de fadiga.

O duque de Normândia desembarcara à frente dum exército formidável.

Harold tinha o hábito das marchas forçadas. Sem demora dirigiu-se a Londres, ordenando pelo caminho, a todos os chefes e homens livres que viessem reünir-se em volta do estandarte de Wessex.

— "Não dês imediatamente batalha batalha, meu filho — aconselhou a sagaz princesa Githe — As tuas hostes são pouco numerosas, e estão fatigadas pelo ataque dos noruegueses. Espera reforços do Norte. Entretanto, devasta, incendeia todo o país até Londres. A fome expulsará mais depressa o normando do que a fôrça das armas".

Era a táctica admirável que, muitos séculos depois, havia de dizimar o exército napoleónico nos gelos da Rússia. Mas o nobre e generoso monarca saxónio não possuia coração implacável de Alexandre I e do conde Rostopchine.

— "Que me aconselham, senhores?! — replicou indignado, voltando-se para os chefes que apoiavam o alvitre de Githe. — Querem que eu próprio destrua o meu reino, arruine o meu povo, devastando o país?! Isso seria a maior das traições. Antes quero arriscar tudo pela fôrça do meu braço e justiça do meu direito. Não quero que, um dia, ao comparecer perante o trono do Altíssimo, Ele me pregunte: Que fizeste, Harold, dos subditos que eu te dei?"

O primeiro pensamento do rei Harold foi atacar de improviso o acampamento inimigo, mas, desistindo dessa ideia, escolheu uma forte posição junto da colina de Serdac. Ali se fortificou com palissadas guarnecidas de ramos que deviam proteger o grosso do exército quando a primeira fila saxónia saísse para defender a vizinhança do acampamento.

Os saxónios compreenderam, como mais tarde D. João I e Nuno Alvares, nas vésperas de Aljubarrota, que se ia jogar o destino dum povo e a sorte dum reino, correram à peleja decididos a voltarem vencedores ou a ficarem lá prostrados para sempre.

Nas vésperas da batalha os dois irmãos do rei suplicaram-lhe que não arriscasse a sua pessoa no primeiro encontro com o inimigo e que se retirasse para Londres, esperando reforços do Norte.

— "Deixa-nos a nós conduzir a batalha àmanhã. Se vencermos está tudo acabado. Se formos vencidos, tu nos vingarás. Enquanto tu vives, oh rei! vive a Inglaterra saxónia!

— Não! Não! Isso seria a maior das cobardias! — respondeu Harold II.

E, persistente nessa fatal resolução preparou-se para a luta.

Ao raiar da madrugada de 14 de Outubro de 1066, os normandos avançaram divididos em três corpos todos precedidos de archeiros. Pelas sete horas da manhã principiou o ataque ao campo saxónio.

Três vezes os normandos foram repelidos. Não obstante a chuva de frechas que devastava as suas fileiras, saxónios resistiram heroicamente.

Pela quarta vez, o duque da Normândia conduziu o ataque. A maior parte dos chefes ingleses estavam mortos, mas as grades de vime protegiam o grosso do exército. Foi então que uma ideia diabólica ocorreu ao bastardo. Simulou uma fuga desordenada. Os saxónios cairam no logro, lançaram-se na sua perseguição e foram todos trucidados.

A reserva não podia resistir. Os normandos abatiam as barreiras, entravam, brandindo espadas sequiosas de sangue inimigo.

Á volta do pendão de Harold II os seus mais experimentados guerreiros haviam formado o "anel da morte", como diziam os dinamarqueses. O rei lá estava com os seus irmãos, combatendo, de acha em punho. A luta recomeçou furiosa. Os normandos avançaram sempre, ávidos de carnificina, para irem cair sob os golpes dos chefes saxónios que iam lançando para o festim dos corvos a flor da nobreza. Nenhum dos componentes dessa falange de bravos recuava um passo. Combatiam sem afrouxar, já exaustos rodeados de montões de cadáveres dos invasores. A resistência tornava-se impossível. Vinte cavaleiros normandos que tinham jurado abrir passagem ou morrer, avançaram. Dez cairam, mas as fileiras estavam rotas. Guilherme atirou-se para a brecha seguido dos seus guerreiros. Os saxónios tombaram sem um gemido, firmes como os carvalhos sob os golpes dos rachadores. Um a um foram todos abatidos. Os chefes, os barões, os irmãos e os parentes do rei. Ao pôr do sol, Harold II caiu por seu turno e o pendão normando substituiu o estandarte de Wessex.

No dia seguinte, a mãe de Harold veio ajoelhar-se aos pés do Bastardo triunfante pedindo que lhe desse o corpo do filho para o sepultar. Em paga oferecia o pêso do corpo em ouro.

— Não! Não! — respondeu o duque com os olhos fuzilantes de ira e rangendo os dentes — Nem que me oferecesses todo o ouro de Inglaterra. Os corvos que sejam os coveiros.

De súbito, uma mulher entrou na tenda ducal e sem dobrar o joelho como Githa e os monges que a acompanhavam, exclamou:

— Normando! Não insultes assim os restos dum herói que morreu em defeza da Pátria!

Quem era aquela mulher, bela como um anjo e majestosa como uma rainha, que ousava falar como senhora ao terrível duque da Normândia?

Guilherme fitou-a atónito impressionadíssimo com o acento daquela voz e aquela formosura extraordinária mais que humana absolutamente irreal como a dum arcanjo justiceiro.

— Quem és tu? — preguntou por fim. A viuva de Harold?

— Não, Senhor — respondeu ela, caindo-lhe aos pés soluçando — Fui sua noiva, mas eramos parentes dentro dos graus proïbidos e tivemos que nos separar. Chamo-me Edith!

— Edith colo de cisne! *Editha Pulchra* — disse o duque — Lembro-me de ouvir falar nesse noivado...

Podem levantar o cadáver — acrescentou voltando-se para os monges.

Em vão os sacerdotistas procuravam o corpo do rei para lhe dar sepultura nem mesmo a própria mãe foi capaz de o reconhecer. Só Edith colo de cisne o soube descobrir entre todos os mortos.

Abriram-lhe a couraça despedaçada. Afastaram-lhe a camisa manchada de sangue de mil feridas. Na pele sôbre o coração viram tatuada uma palavra Edith, seguida de outra em caracteres maiores — Inglaterra.

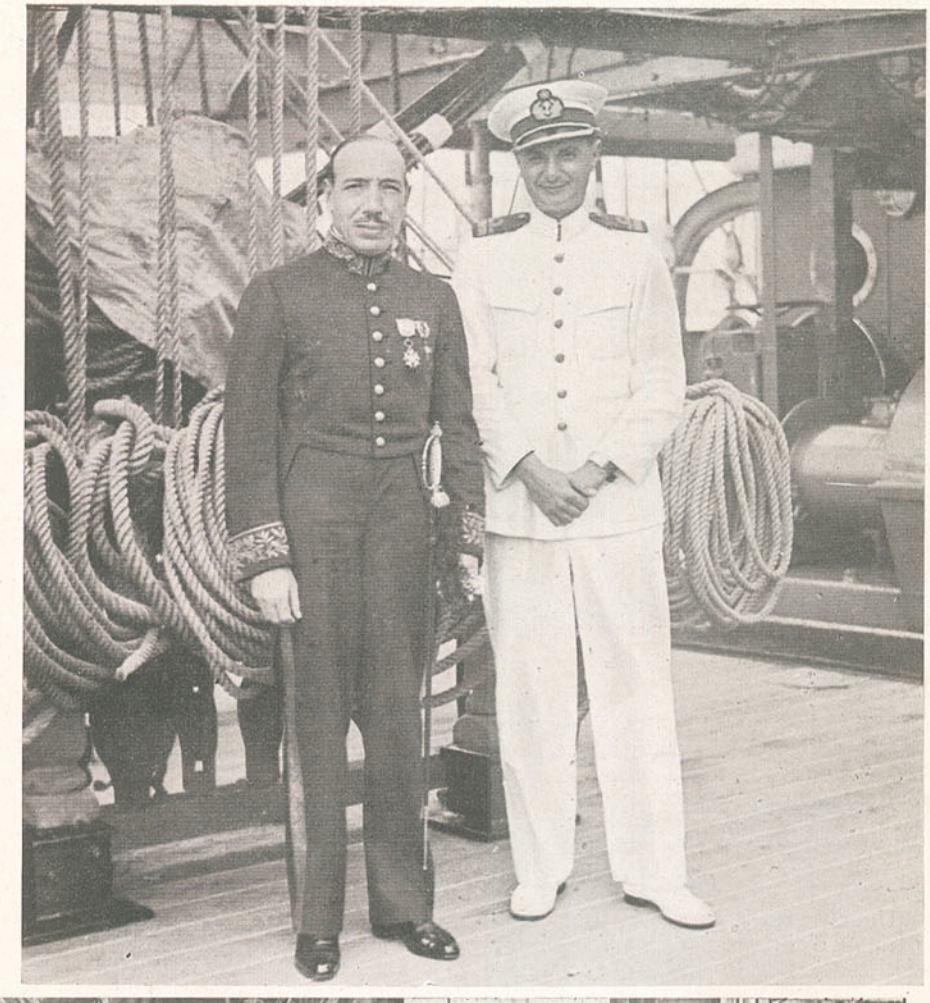
Por Ela vivera e por Ela morrera.

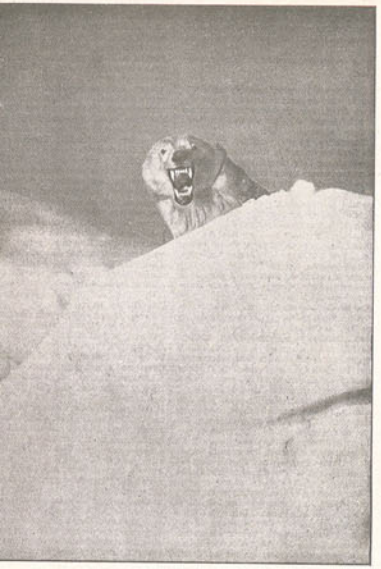
EUNICE PAULA.

O CRUZEIRO TRANSATLÂNTICO DA «SAGRES»

Cumprindo a sua viagem anual de cinco meses, o navio-escola "Sagres» seguiu com os alunos da Escola Naval, tendo por objectivo longas permanências no mar e adestramento no manejo de vela, etc. Como esteja determinado que toque num porto brasileiro, desta vez visitou Santos, onde foi recebidos festivamente.

Nas gravuras que ilustram esta página figuram (em cima) o consul português em Santos, dr. Anúplio de Lemos com o comandante do "Sagres», capitão-tenente Gabriel M. Teixeira. — Em baixo: um aspecto do almoço de homenagem oferecido no Casino de Montesserrate à oficialidade da "Sagres».





Um urso polar que protesta

NOS GÊLO

A conquista

que a Rússia vai tentar co

Há dias correu o boato de que a Rússia, à falta de melhor, ia conquistar definitivamente o Polo Sul e o Polo Norte, estabelecendo ali estações meteorológicas que informarão o Mundo sôbre o estado das focas, suas revindicações e conseqüente bolchevização.

Um dos mais famosos aviadores do Império de Staline, o audacioso Vodapianov declarou aos quatro ventos que seria possível abarcar o globo terrestre, de polo a polo, bastando-lhe apenas o auxílio do Estado. Sendo deferido o seu requerimento, e tendo conquistado plenos poderes, fez saber ao Universo que iria desvendar, dentro em pouco, o frígido segrêdo das regiões antárticas.

O segrêdo?!

Mas, se não nos falha a memória, a conquista do Polo Sul já estava feita em 1912. Nessa altura, o eminente explorador Dr. Jean Charcot publicou um magnífico estudo, em que historiou as várias etapas realizadas pelo génio humano para a conquista do mundo austral:

"Desde a mais alta antiguidade que os homens, tendo pressentido a configuração esférica da Terra, calcularam que, para além das regiões conhecidas, deviam existir outros continentes habitados, possivelmente ricos e luxuriantes de vegetação, mas separados por uma zona inóspita e intransponível. Baseando-se nas considerações astronómicas e filosóficas então em voga, os pitagóricos, Aristoteles, e, mais tarde, Ptolomeu, colocaram essa "Terra Incognita" no hemisfério austral. Desde então foi posto o problema antártico que levou vinte séculos a resolver.

"Nos tempos históricos de Roma e da Gália e até na Idade Média, nenhum esfôrço foi tentado para a sondagem dessas regiões desconhecidas. Os meios de que os navegadores dispunham eram muito rudimentares para que ousassem afastar-se das costas. Mas a navegação foi-se aperfeiçoando e, no fim do século XV, atingia-se o Equador.

"Em 1487 o navegador português Bartolomeu Dias, tendo-se aventurado para além dêste ponto, foi envolvido por uma tempestade para aquém do 4.º paralelo e, em parte alguma, lobrigou qualquer continente. Dez anos depois Vasco da Gama desviou-se ainda mais da famosa *terra incognata* de Ptolomeu, pois que fazia a volta à África sem a descobrir.

"Em 1519, Magalhães, na sua célebre viagem ao sul da América, não a atingiu também. Ilhas, fragmentos de continente foram, seguidamente, vistos por diversos navegadores, tais como Bouvet e Kerguelen, mas foi ao célebre capitão inglês James Cook que coube a glória de elucidar definitivamente o mistério antártico, destruindo tôdas as suposições feitas pelos geógrafos sôbre um imenso continente edénico, atingindo o 50.º grau de latitude sul.

"Nas suas três expedições realizadas desde 1772 a 1775, o arrojado marinheiro percorreu todo o hemisfério austral, passando, por vezes, o círculo polar e sem encontrar terra. Voltou persuadido de que devia existir um continente importante mais ao sul, para o polo, e disto deveria assegurar-se em 1819-1821 o capitão russo Bellingshausen que, numa viagem de circunnavegação, avançou a 60.º paralelo, onde a descoberta de alguns cimos de montanhas lhe permitiu afirmar a existência de terras polares, mas não as dum verdadeiro continente.

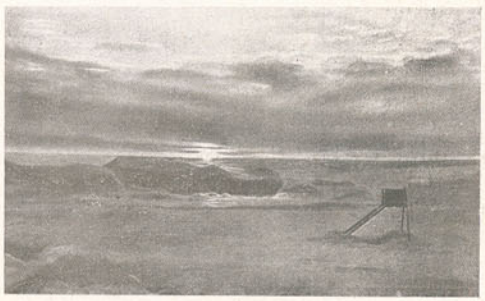
"Foi então que, de 1836 a 1840, Dumont-Durville, após um longo percurso para o sul, descobriu a terra Luís Felipe e a terra Adélia, assim chamada pelo nome de sua mulher. Estas magníficas viagens abriram notàvelmente a superfície dos espaços desconhecidos dêste extremo do Mundo, e inauguraram, de certa maneira, a era real da conquista da Antártida. Na mesma época o americano Wilkes explorou uma parte das mesmas regiões, e completou as descobertas de Durville neste ponto da circunferência polar.

"De 1840 a 1843 efectuaram-se as importantes expedições do navegador inglês James Ross que deu um passo decisivo, descobrindo a terra que chamou Terra Victoria e a famosa barreira que deveria ser, alguns anos mais tarde, a entrada do caminho seguido por Scott, Shackleton, e pelo qual Amuddsen deveria, enfim, atingir o polo.

"Desde 1745, a exploração do mundo austral sofreu uma longa paragem, até que em 1897 a bela campanha de *La Belgica*, dirigida pelo tenente Gerlache, fez entrar a sua conquista numa nova fase, não por descobertas geográficas sensacionais, mas por estabelecer a possibilidade de os esploradores poderem invernar nestas paragens, e, portanto, poderem prolongar consideralmente a duração do seu estágio. Gerlache e os seus companheiros passaram, com efeito, mais de 14 meses consecutivos no sul do 60.º paralelo, realizando um magnífico trabalho científico.

Entremos no período moderno.

"Após as expedições um pouco especiais da *Southern Cross* e da *Valdívia*, foi aberto em 1901 o período contemporâneo da conquista da Antártida com a expedição da *Discovery*, dirigida pelo comandante R. F. Scott que explorou completamente a Terra Vitória e descobriu a Terra Eduardo VII. Ao mesmo tempo realizaram-se as expedições alemãs do *Gauss*, a do dr. Otto Nordenskjold e a do escossês Bruce. Cada uma, no seu sector, estenderam a descoberta



Uma paisagem do Polo

Byrd

ETERNOS

do Polo Sul

grandes esperanças de êxito

das costas do continente antártico. Um ano decorrido seguiu a expedição do *Français*, e mais tarde a do *Porquoi-Pas?* que tinham por fim, não a descoberta do Polo, mas a maior extensão no seio da Antártida que se supunha com uma superfície igual à de três vezes a Europa e a Austrália reünidas.

"Os únicos exploradores que tiveram realmente por objectivo a conquista efectiva do Polo Sul, fôram Scott, Shackleton e Amundsem.

"Scott explorou, na sua viagem de 1901, uma parte do imenso planalto que eleva e prolonga a barreira de Ross. Ignorou-se durante muito tempo o que seria esta gigantêsca muralha de gelo. O que cobriria ela? Uma ilha? Um continente? Ou o mar? A sua frente mergulhava directamente no Oceano, e pendia de uma altura de mais de quatrocentos quilómetros. O mais interessante é que o gelo que a constitue é exclusivamente formado por água dôce".

O Polo Sul foi atingido em 14 de Dezembro de 1911 pelo explorador norueguês Roald Amundsen. Após uma paragem nas suas explorações durante a Grande Guerra, partiu em 1918 para as regiões árticas situadas ao norte da América. Tentou depois ganhar o Polo Norte, mas sem grande êxito. Em 1926 foi mais feliz, conseguindo sobrevoar o Polo em dirigível.

O americano Byrd chegou ali mais tarde ao Polo Sul, arrogando-se o direito de anexação de novas terras.

Devem estar lembrados de que, em 1929, surgiu um curioso problema de direito internacional entre os Estados-Unidos, a Inglaterra e a Argentina, nações que revindicavam a posse das ignoradas paragens antárticas.

Ora, precisamente o território anexado por Byrd encontrava-se na zona anexada pela Inglaterra em 1923. Na conferência Imperial Britânica, realizada em 1926, a Inglaterra possuir direitos sôbre a quási totalidade das terras polares austrais excluidas pelas anexações anteriores, pelo facto de terem sido descobertas ou exploradas por marinheiros ingleses.

Em virtude dêsse princípio, sòmente a terra Adélia de que o francês Dumont d'Urville, tomou posse solenemente em 1840, a de Guilherme II, reconhecida pela expedição alemã de Drygalski em 1903, e pouco mais não é pertença da Inglaterra.

E assim se arrastou a questão.

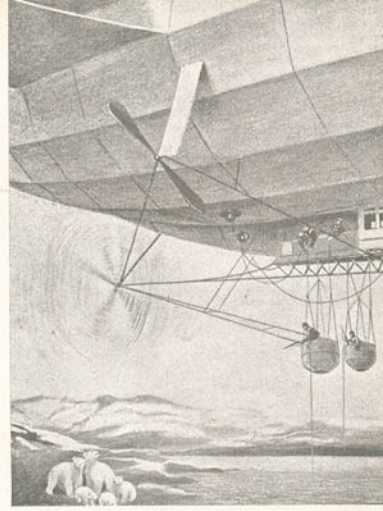
Agora, é a Rússia que pretende assenhorear-se do Polo Sul.

Ao que parece, além da glória de possuir territórios vastíssimos, mesmo cobertos de neve, o que mais interessa é a rendosa pesca das baleias, que vão procurar refúgio no mar austral, nas próximidades da Grande Barreira.

Um técnico, na altura do debate, afirmou:

"Um outro interêsse remoto, mas ponderoso impulsiona as grandes potências a apoderar-se, quanto antes, do continente gelado, porque a lição do Canadá não está esquecida, Sorriam irònicamente os nossos antepassados ante a luta travada entre a França e a Inglaterra pela posse do Canadá, êsse vasto campo de gêlos como lhe chamavam então. Hoje o Canadá é um dos países mais ricos do Mundo e a Grã-Bretanha têm nêsse domínio um dos seus melhores celeiros; isto para não falar no oiro que a América tira do Alasca, essa península de gêlos que a Rússia vendeu à América como como sucata.

"E, se nos lembrarmos da hipótese daquele sábio que antevia as últimas idades da Humanidade decorrendo nos polos, torna-se mais admirável a previdência britânica, apoderando-se, a muitos séculos de distância, dos derradeiros territórios em que seja possível a vida do homem. Mas, sem esperarmos pela grande transformação geológica que transmude os polos em agradáveis jardins de inverno, devemos lembrar que a assombrosa evolução que, nos últimos anos, a aviação atingiu, transformou radicalmente o conceito das distâncias terrestres, fazendo das grandes planícies geladas excelentes campos de aterragem. A posse da região antártica não é, pois, uma bisantinice de juristas, mas sim uma importantissima conquista para a nação que assim, terá, um dia, à sua disposição as vias de comunicação do futuro».



Os ursos e o dirigível

O homem vencedor dos ursos

Vendedeira de calçado

O velho Mercado de S. Bento vai desaparecer para dar lugar a coisas mais belas e oportunas. Com 57 anos de idade — completou-os no dia 1 de Janeiro — não pode dizer-se que morre muito criança. Para um mercado que não evolucionou é a decrepitude.

Boas contas deitaram os seus fundadores, mas saíram-lhes erradas, embora sem más intenções.

Calcule-se que uma emprêsa, que então funcionava com o rótulo de Companhia dos Mercados e Edificações Urbanas, tendo levantado para as bandas de Santa Clara um mercado que logo começou a dar lucros, não hesitou em erguer outro para os lados de S. Bento. Ampliaria assim a sua acção desde o nascer ao pôr do Sol. E, assim, com a visão imperialista dum Carlos V, dominaria o Oriente e o Ocidente... de Lisboa.

Vendedor de agulhas e alfinetes

Não impelia esta companhia a mira de lucros. Pelo menos, os seus rèclamistas assim o faziam saber em longas notícias laudatórias.

«Foi êle edifício construido sem subsídio algum — dizia um dêles — pela Companhia dos Mercados e Edificações Urbanas, que tem o direito de o explorar durante 50 anos, no fim dos quais será entregue à Câmara Municipal de Lisboa, bem como o Mercado Oriental, situado no Campo de Santa Clara, que pertence à mesma emprêsa, e está em exploração desde de Outubro de 1887.

«Esta companhia, que se encarregou de suprir a falta de mercados de víveres nos bairros extremos da cidade, falta esta que durante tantos e tantos anos foi notada e deplorada nas conversas dos lisboetas e nas colunas da Imprensa, realizou um acto benemérito. E, como se não bastasse, tentou ainda, embora com meios deficientes para atingir o seu fim, remediar a carestia das rendas, edificando casas para pobres e até remediados, cujas necessidades são muitas vezes bem mais aflitivas que a dos pobres de pedir. Procedendo assim, esta companhia oferece um nobre exemplo de civismo e desinteresse que, em companhias industriais, se pode considerar, senão inaudita, pelo menos raro.

«Por isso — prosseguiu o articulista — tanto o Estado como a Câmara e os munícipes, cada um adentro da esfera da sua acção, devem corresponder aos enormes sacrifícios desta útil emprêsa, concedendo-lhe por todos os modos possíveis, o apoio de que tanto carece quem se propõe realizar empreendimentos desta ordem que exigem grande e demorado desembôlso, apenas compensável por lucros tardios e contingentes. Para serem conseguidos resultados satisfatórios é absolutamente necessário criar novos hábitos, combater usos inveterados e vencer um grande número de atritos e obstáculos que não podem ser avaliados facilmente».

Nada se conseguiu a-pesar-de tôda a eloqüência desta e outras exortações. O Mercado de S. Bento pouco tempo serviu para o fim a que era destinado.

Má vizinhança? Talvez. Embora se dissesse no dia da sua inauguração que «se os moradores do Bairro Ocidental soubessem compreender o seu próprio interêsse, não tardaria que o novo estabelecimento rendesse à Companhia fundadora lucros consideráveis, como bem merecia», o público não conseguiu compreender essas coisas, mesmo para o seu próprio interêsse.

Segundo o próprio relatório do gerente da emprêsa, apresentado em Janeiro de 1881, o Mercado de S. Bento tinha custado o melhor de 45.000$000 reis. Faltavam-lhe ainda parte da cobertura de ferro e telha marselha e tudo isto devia orçar por oito ou nove contos, segundo o

O EMBELEZAMENTO DE LISBOA

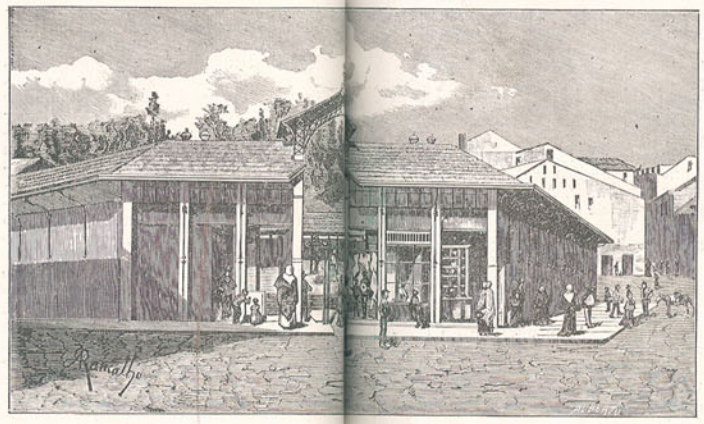
O fim do Merdo de S. Bento

e as causas sua má fortuna

cálculo do engenheiro E. A. de Bettencourt que fôra também o construtor do Mercado de Santa Clara.

Era um nunca acabar de desembolsar dinheiro, como se está vendo. Mas os lucros viriam depois...

Tinha o Mercado Ocidental vinte e nove lojas com porta para o interior e para a rua de S. Bento, tendo tôdas sobreloja. Possuia, além disso, vinte e dois lugares com divisória e balcão, contíguos aos muros que limitam o mercado pelos lados noroeste e sudoeste. A sua área excedia 2.300, o que nêsses belos tempos, poderia ser conservado como amplíssimo, visto a população não apertar tanto como hoje. No terrado poderiam instalar-se centenas de vendedores com as suas mercadorias. Davam entrada para o Mercado três vistosos pórticos de ferro que os críticos de há meio século classificaram de «incontestável beleza». Na parte central havia um pequeno jardim triangular em cujos vértices haviam sido colocados marcos fontenários para serventia pública.



O de S. Bento no inauguração — desenho por ...

Um padeiro numerado

Nada ali faltava. O Mercado era um verdadeiro mimo, e como tal deveria ser considerado pelos moradores do sítio. Encontravam-se ali lugares de frutas, hortaliças, aves, carne, peixe, bebidas e tôda a espécie de víveres; tabacos, louças, objectos de vestuário, calçado e muitos outros artigos.

Quem é que se não lembra ainda do homem das «agulhas e alfinetes» com a sua numerosa bagagem sempre cheia de novidades tão úteis como o pão para a bôca? E, por falar em pão... Estamos a ver ainda o padeiro de barrete com o seu cabaz característico, numerado como um presidiário. De balança em punho como a figura austera da Justiça, procurava sempre equilibrar o fiel sem grave prejuizo para o consumidor. Uma questão de jeito e balanço de ilusionista na balança. E' que às vezes o pão tinha nas suas entranhas cavernas tão extensas que se, geólogo as visse, não hesitaria em lhes atribuir uma antiguidade pre-histórica. Se nos lembramos! Havia pães que apresentavam furnas no interior abençoado muito semelhantes às que actualmente se admiram nas pedreiras da Fonte Santa.

Quem não se lembra ainda da mulher que vendia calçado e andava sempre descalça? Boa mulher — coitada! — vinha de longe com um cabaz à cabeça, apregoando, na sua voz sonora que mais parecia um cântico, o rico calçado para todos os pés, menos para os seus que não queriam, pelo visto, perder o contacto com as pedras da calçada.

E o peixeiro? Pouco ou nada mudou, a não ser no ar que vincava uma época. É certo que hoje ainda é costume soprar as pescadas, mas nesse tempo fazia-se isso com mais limpeza e ingenuidade, tanto da parte de quem vendia como de quem comprava.

Como tudo isso já vai longe!

O Mercado de S. Bento vai ser demolido, e — francamente — não nos deixa saüdades.

No dia da sua inauguração mereceu as honras de ser retratado em corpo inteiro pelo pintor António Ramalho, tudo levando a crer que se faria dali alguma coisa.

Triste desilusão!

Pouco tempo depois estava transiormado num mercado de ferro-velho que até metia pena! Atribuiu-se êste rápido declínio à falta de concorrência tanto da falta de fazendeiros como do público em geral.

Como se sabe, já começou a ser evacuado o Mercado de S. Bento.

Após cinqüenta e sete anos de penosa existência, vibra-se o golpe de misericórdia. Todos os que ali se encontravam estabelecidos com negócio de galinhas e caça teriam de sair. Mas para onde irá tôda essa gente que não encontrará lugar nos outros mercados? Para se dar uma solução satisfatória para todos, foi sustado o imediato cumprimento da ordem de despejo. Ao que parece, o Mercado de S. Bento será transferido para a chamada quinta do Daniel que oferece a vantagem de ter três entradas: pela rua de S. Bento, travessa de Santa Quitéria e travessa de S. Plácido, ficando, portanto, aquela populosa área servida em muito melhores condições.

Um peixeiro

Mas porque teria sido tão malfadado o Mercado de S. Bento?

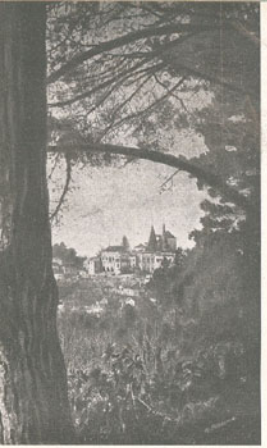
Falta de concorrência?

É curioso porque foi precisamente a concorrência que o desgraçou.

Expliquemo-nos melhor: Segundo se diz — e acreditamos piamente — a visinhança do Palácio das Côrtes foi funesta ao pobre mercado. Todos conhecem a linguagem do mercado da Ribeira Nova, da Praça da Figueira e do Matadouro. Pode ouvir-se por gosto, visto que, em harmonia com um velho rifão, «o saber não ocupa lugar». Pois quem transpuzesse os humbrais do Mercado de S. Bento, não era capaz de ouvir uma palavra destoante ou corrosiva. Nada. Aquilo era uma perfeita academia de boas maneiras, polidez e delicadeza. Ora, como o povinho gostava, apesar de tudo, dêsses palavrões escandalosos que sempre aliviam a bilis de quem os profere, saía desiludido, e ia buscar a compensação no Palácio visinho assistindo a uma sessão da Câmara dos Deputados.

Foi êste talvez o motivo do declínio do Mercado de S. Bento.

O último aspecto do Mercado de S. Bento



PARAMOS no Terreiro, donde descem as Escadinhas da Audiência, sôbre as quais se suspendem festões de hera.

Do patamar abrange-se um formoso panorama: vales, planícies, e colinas ao longe, em duas vagas, entre o Tejo e o Mar.

Descemos, para poente, pela rua da Ferraria.

À esquerda a Casa dos Riba-Frias, do século XVI. É um dos melhores exemplares da arquitectura civil da Renascença em Portugal, embora haja sofrido transformações e adaptações, sobretudo no século XVIII, quando pertenceu ao Marquês de Pombal.

Raul Lino supõe ter trabalhado nesta casa Nicolau Chanterenne.

Num recanto, a Fonte da Pipa, decerto

das mais antigas de Sintra. Foi reedificada e melhorada pelo doutor José de Miranda Duarte, presidente do Senado da Câmara e Juiz de Fora, em 1788, conforme se lê na inscrição sobrejacente, encerrada por azulejos, cuja "pureza de côres é esplendorosa».

Fuligem sintrense

A verdura dum lindo chorão espalha a sua sombra; dessedenta tanto, na calma do estio, como a puríssima água.

Para a direita um carreiro conduz aos Pisões.

Subimos alguns degraus. A poucos passos é o Largo do Vítor, donde parte a estrada de carro que vai à Pena.

Seguimos para leste, para S. Pedro. Á direita, a quinta do Saldanha; à esquerda, a quinta dos Penedos. É logo a Fonte da Sabuga, a mais célebre das fontes da vila.

E não é só a água que se bebe com delícia; o miradoiro da Sabuga é dos mais aliciantes.

Não há melhor sítio para ver, no seu conjunto, o Palácio de Sintra.

A Casa da Câmara, quási cingida pelos arvoredos das quintas Seixas e Palmela, avulta em marmórea brancura, estilisada em manuelino, sem desconcertar a paisagem, entre os vales do Rio Porto e dos Castanhais.

E a vista, descansando um instante nos parques que nos rodeiam, lança-se através da planura até alcançar a Montanha e o Oceano.

À esquerda desce, para o escadório das Murtas, uma veredasinha, ladeada de muros baixos, revestidos de musgos, sombreada de olmeiros, choupos do Canadá e castanheiros da Índia. Um pomar, circundado de nogueiral, exala a fragrância dos limoeiros.

Subimos, à direita, pelo caminho da Pena, no qual fica a igreja de Santa Maria, edificada por D. Afonso Henriques.

No século XVI incrustaram-se no romano-gótico, algumas obras de mérito, e tanto, que logo volta à memória Nicolau Chanterenne.

Perto, o Convento da Trindade, fundado no século XIV, e restaurado nos séculos XVI e XVIII, todo absorto na vegetação frondente e no murmúrio dos arroios...

No pequenino claustro mais se concentra o brando remanso, só quebrado pelo esvoaçar das pombas, que despertam.

Voltando ao caminho, é próxima a igreja de S. Miguel, coêva da de Santa Maria. Transformada em casa de habitação! Só resta a capela-mor.

Entramos na Mata Nacional por uma porta de seitilho.

Trepamos um lanço de escadas. E, parando no primeiro patamar, avistam-se, a norte, Estefânia, Arrabalde e S. Pedro, num abraço de quintas e bosques.

Ao segundo patamar, já de Montejunto ao Atlântico todo o horizonte é livre.

Vamos ladeando a encosta.

E, sôbre o vale, que precipício magnífico!

Corre, apertada num cíngulo de rochedos, a levada tumultuante do arvoredo.

Sob um grande penedo uma fontesinha goteja.

Deparam-se-nos ruínas. São de uma antiga igreja, construída no século XII, talvez por D. Afonso Henriques, talvez sôbre outras ruínas, duma mesquita. Restam paredes da nave, a capela-mor, de abóbada de berço — arcos e capiteis românicos. Ás ossadas que foram encontradas no terreno da mesquita, que se tornou igreja cristã, mandou-as reünir D. Fernando de Coburgo num singular moimento, delineado pelo barão de Eschwege; sob os emblemas da Cruz e do Crescente lê-se: — *O que ficou junto, Deus separará.*

O que há-de verificar-se... no Juízo Final.

Em vão o sol dardeja as altas frondes; na ascensão e frescura livra-nos sempre do cansaço.

Passa-se uma nova porta, no reduto do Castelo. Pelo lado interior, à esquerda, vê-se um portal, embebido na muralha.

Uma cisterna abobadada, vasta e lúgubre, detem-nos um momento.

Subimos até ao extremo nordeste do Castelo, por degraus que acompanham, em tôda a extensão, a muralha. Á volta desta, no exterior, grandes blocos de granito, como despenhados por um cataclismo...

Na profundidade, S. Miguel, Santa Maria, Arrabalde, Estefânia; à esquerda Sintra, à direita S. Pedro.

Palácio da Pena

E a floresta, por todos os lados, rolando na vo-

VIAGENS NA NOSSA TERRA

«Sintra — verdadeiro jardim de Klingsor»

«Lá no alto — disse Strauss — está o castelo de São Graal!»

ragem! Vai a muralha seguindo, em zig-zag, os afloramentos da penedia, coroada de ameias, assinalada de tôrres.

A norocste o esplendor do Oceano.

A parte mais elevada do Castelo é a sul (460m), dominada ainda pelo Palácio, fronteiro à tôrre real.

A verdura alastra até Colares. Além, a Praia das Maçãs, franjada de espuma!

Avistam-se as costas de Caparica, o Cabo Espichel e a Arrábida, e, desde a foz do Tejo, povoações de uma e outra margem até Lisboa.

Boscagens de camélias e louro-cerejos. Através de rosais, chegamos à porta de saída do Castelo.

Descemos pela estrada de carro; penetramos no Parque da Pena pela Entrada Principal.

Que lindos canteiros!

Uma senhora, aproximando-se inclina-se para melhor haurir tôda a frescura, tôda a côr da floração.

E logo um guarda lhe oferece duas dálias flamejantes, vendo que o seu olhar mareou preferência.

É uma delicadeza costumada, que muito nos surpreendeu...

Áleas formosíssimas! Damos a volta pelo *Jôgo de Tenis*.

O arvoredo veste o terreno escarpado, até tocar os fundamentos do Palácio. E, em sucessivos planos, os mais belos fustes destacam majestosamente, sob as frondes, como estáticos na luz difusa, no crepuscular silêncio do bosque.

De fora o antigo Paço Real é o mistério inviolado; a sua composição cenográfica encanta.

Compreende-se a estupefacção de Ricardo Strauss:

"Hoje é o dia mais feliz da minha vida. Conheço a Itália, a Sicília, a Grécia, o Egipto, e nunca vi nada, nada, que se compare à Pena. E' a coisa mais bela que tenho visto. Este é o verdadeiro jardim de Klingsor — e lá no alto está o castelo do São Graal».

Devassado, porém, o Palácio dá-nos decepção, como se fôra uma vivenda burguesa, montada em normando-gótico? O enfado pesa?...

Para nos reconduzir à admiração, à exaltação poética, bastará abeirarmo-nos das varandas!

Para ocidente a serra corre, tumultuosa, até ao Cabo da Roca. Depois é o Oceano, a perder de vista, entre o Espichel e o Carvoeiro, numa linha de setenta quilómetros. A norte, descobre-se até Montejunto. E, descaindo para leste, a vastidão das campinas, ao longe cercadas por montes, até Lisboa — Atalaia, Montemuro, Montemor, Monsanto...

O cerro sur-que de Sintra e seu majestoso palácio

A sul, a corrente do Tejo e os cêrros da Outra-Banda — Senhora do Monte, Palmela, Arrábida.

Perto, mas além do Parque, para Santa Eufémia, os pinhais do Sereno, do Prior, do Forjaz, do Borges, do Shore, e, para a Tapada do Ferreira, num raio de meio quilómetro, o Alto de Santo António, o Gigante, o Alto de Santa Catarina.

A' volta do Palácio mansas ondas de árvores, marulhando. Depois, alterosas vagas de ramarias, cachoantes, batem por todos os pendores da Serra, levando ao infindável Oceano a esmeraldina torrente da Floresta.

Subimos agora pela ribeira dos Fetos. Tomamos, à direita, por veredasinhas. Depois inflectimos à esquerda.

Perto do Gigante, numa clareira, as cúpulas do Palácio brilham...

Entramos numa bonita estradinha, que é um longo túnel de verdura.

De súbito, através do arvoredo, clareia o mar...

Logo, a Cruz Alta.

Para o sul, Lisboa, a Outra-Banda, o Tejo, os Estoris, Cascais, a Guia, Oitavos; a seguir a Praia do Guincho; a sudoeste as vagas da serrania — a mais alta a Peninha; depois, além do Cabo da Roca, a Praia das Maçãs — e o Oceano ao largo.

Aos pés da Cruz, Miramar, Penha Longa, a estrada coleando, Linhó...

Direito a Sintra, no vale, a floresta precipita-se, como um alude verde.

Retrogradamos.

Eis um lugar repousante: um larguinho, mesas. Junto do morro de pedregal, a estátua de Eschwege, em que não reparámos, passando.

Vamos dar a um portão. Fora, uma ermida, num terreiro de arraial.

Estamos agora no Alto de Santo António. E é um exquisito monumento a antiga capela circular que D. Fernando transformou em pavilião oriental...

Vale a pena ir a Santa Eufémia vêr o melhor panorama do Tejo que de Sintra se descobre. E é fácil o acesso a quem,

O pórtico de entrada de Monserrate

para regressar, escolher o caminho de S. Pedro.

Ao descer aos Lagos, as árvores parecem ir acordando, aos nossos passos, na profundez soturna... Avultam, ganham fisionomia: da obscura, brumal vida da selva desprende-se intenção, personalidade. Do genesíaco caos do humus, das raízes e das águas sobe um sopro anímico criador — gestos, queixumes, gritos, incerta emoção ainda, errática vontade, que o nosso instinto pressente e interpreta...

Cessa a paralisada expressão de silêncio e quietude; quanto mais penetramos na espessura, mais almas ansiosas se libertam. E cada árvore é já um ser consciente que nos olha e compreende, e, no vigoroso aprumo dos seus troncos, na irada contorção dos seus braços ou na arfante ondulação dos seus ramos, nos conta a sua história no *struggle for life* vegetal — a violência do seu triunfo, o drama da sua revolta, o calvário da sua dôr ou a sua humilde e cristã resignação...

Ao fundo do declive assalta-me a sensação de quem se afogasse em verdura. É o magnético assombro que me toma sempre no Buçaco, ao descer à Fonte Fria!

Mas por todo o arborêto relampejam evocações; abalos fantasmáticos que iluminam, transfiguram a paisagem e rasgam à realidade horisontes de sonho.

A própria variedade da estranha flora confunde. É como se, em dez minutos, atravessássemos dez regiões remotas, a mil léguas umas das outras. E a fantasia vôa, com a mesma rapidez vertiginosa...

A cada instante, a distribuição da luz, o grau higrométrico, a diversa temperatura alteram, nos acidentes de terreno e na massa florestal, a escala cromática. É singularmente móbil a atmosfera em que tudo flutua e se vitalisa: adormecido agora o ar, e logo metalicamente vibrando; uma superfície de espelho rápido ondula — polido enruga, abre sulco, e de novo aliza; o que ainda há pouco era rútilo, demaia.

Na garganta solitária em que divago, o vário fuzilio reverbero abre no mesmo recesso, segundo as horas do dia, um átrio esmeralda, um salão róseo, um *boudoir* violeta...

Só além, para o Oriente, é agora sempre a mesma, tôdas as manhãs, a antecâmara lilás, recamada de glicíneas, que a Aurora, ao entrar no Parque, abre, desnuda!

LOPES D'OLIVEIRA.

O AMOR E A MORTE...

O mundo pode estar em guerra, a miséria pode mirrar muitas faces; mas, por mais feroz ou por mais fraco, ninguém se furta ao prazer do amor.

É êle que enche o cérebro, que subjuga a vontade, que abate o orgulho, e dá energia aos vencidos, para entrarem de novo em combate com a sorte.

Os novos devem-lhe as suas melhores horas, os velhos as mais queridas recordações.

O ideal não abandona a humanidade, embora haja quem pregue que o amor é um pseudónimo com que os homens convencionaram chamar o prazer dos sentidos, e que é apenas a afinidade química de dois organismos.

Pode ser que fisicamente seja isso, é isso mesmo, na sua função animal; mas o coração não desiste da sua parte, e não cuida de destrinçar onde o espírito e o corpo se separam.

No encontro de dois sêres a quem o amor atirou simultâneamente as suas setas, é a alma a primeiraa sentir-se tocada por uma atracção indefinível, que lhe faz desejar constantemente a presença do ente eleito para entronizar no coração. Instinctivamente, porque é lei da natureza, os corpos acompanham as almas, para a conflagração geral de tôdas as nossas fôrças emotivas; mas o ideal foi o arauto do recontro inevitável.

■

Não poupa ninguém êste patife do Cupido, desde que apareceram o primeiro homem e a primeira mulher sôbre a terra.

A princípio, quando no paraíso, o traquinas filho de Vénus disfarçou-se em serpente, e fez do arco uma maçã com que Eva tentou Adão.

Depois do paraíso perdido, os disfarces eram desnecessários, e começou então francamente a fazer frente a todos os mortais, servindo-se das suas próprias armas para os escravizar.

E dôce escravidão é essa, que por ela se abandonam tronos, riquezas e honrarias.

Por ela se afrontam vexames, curiosidades que ferem, ditos e calúnias.

Por ela se troca um palácio por uma choupana, um banquete por uma côdea de pão.

É que não se descobriu ainda nada que mais agrade à alma, nada que nos torne mais felizes do que o amor.

O que é pena é que dure tão pouco, porque tudo cansa e a humanidade é inconstante de condição.

Mas que fazer, senão aproveitar a maré do romance e do idealismo? "Enquanto dura, vida doçura", diz o rifão.

E nele está tôda a ciência da vida dos enamorados.

Quando o amor chega, é recebê-lo e agasalhá-lo bem, tirar dêle todo o proveito, sem pensar no que será o dia de àmanhã, como diz a canção que eu cantei tanta vez:

Sans penser à demain,
A imons-nous, donc, sans trève,
Et, la main dans la main,
Poursuivons notre rêve...

■

Antigamente, é preciso reconhecê-lo, havia mais romântismo no amor, e das altas classes vinha o exemplo.

Ainda um dia dêstes o meu espírito se deliciou com a leitura duma carta do príncipe Alberto, dirigida à raínha Vitória da Grã-Bretanha, escrita quando êle era apenas o seu noivo, que um jornal alemão publicava, a propósito do recente filme, *Vitória — a Grande.*

Os leitores da *Ilustração* hão-de sentir o mesmo encantamento da ternura e sinceridade que repassa essa carta, por isso, vou dar aqui a tradução:

"Minha muito querida e muito amada Vitória.

"Sinto-me comovido, pelas provas de confiança que me deste, escrevendo-me e expressando-me nas tuas cartas tão amáveis sentimentos a meu respeito.

"Nem sei como responder-te, nem como pude merecer tanto amor e tanta afeição.

"Realmente não posso acostumar-me a tudo que vejo e oiço, e devo acreditar que o Céu me mandou um anjo, para iluminar a minha vida com o seu explendor.

"Oxalá que eu consiga fazer-te feliz, muito feliz, tão feliz quanto tu o mereces.

"De corpo e alma, teu escravo para sempre,

Alberto»

Não acharam lindo que um príncipe e uma raínha se tenham amado como se fôssem uns pobrezitos — êle, um estudante sem vintém, e ela uma modesta costureira?

É que o amor nivela tôdas as classes.

É como a morte. Quando se ama, todos ficam eguais, com a mesma ternura a esbater máguas e penas, com as mesmas carícias a encher de júbilo a alma e os sentidos.

Quando se morre, o rei fica a par do mendigo, a mocidade iguala a velhice.

O amor e a morte! A passagem de nível que nunca se fecha...

Todos passam, e a qualquer hora, sem preferência e sem espera.

É por isso que devemos receber o amor de braços abertos e aceitar todo o bem que êle nos quizer dar, enquanto o seu capricho não passa.

Depois, vem a velhice, e o amor já não atira mais setas ou vem a morte, e é o último ponto final, nas aspirações e desejos.

Nem todos aproveitam, como devem, os dons supremos da juventude.

Camões, que tão magistralmente definiu o amor, deveria ser decorado por todos os catecúmenos.

E' certo que o poeta imortal desesperou de poder ser encontrada

nos mortais corações conformidade
sendo a si tão contrário o mesmo
[amor

Mas é o mesmo Camões que nos ensina:

Amor, que gesto humano na alma escreve,
Vivas faíscas me mostrou um dia,
Donde um puro cristal se derretia
Por entre vivas rosas e alva neve.

A vista que em si mesma não se atreve,
Por se certificar do que ali via,
Foi convertida em fonte, que fazia
A dor ao sofrimento doce e leve.

Juro amor que brandura de vontade
Causa o primeiro efeito; o pensamento
Endoidece, se cuida que é verdade.

Olhai como Amor gera, em um momento
De lágrimas de honesta piedade
Lágrimas de imortal contentamento.

Já Lamartine, o sumo poeta do amor, se lamentava por ter desesperado tão cêdo, e já à beira da morte desejava, em versos admiráveis, esgotar até às fezes o cálice de néctar e fel, onde bebia a vida, porque podia ter ainda no fundo uma gota de mel...

■

O poeta tem razão. Nós pensamos que já nada nos resta dos bens dêste mundo, e quem sabe se ainda havia uma hora de ventura que fôsse, no horário dos nossos dias?

Nunca é bom abdicar. Mas a vida a isso nos força muitas vezes, contra nossa vontade, e não esvasiamos o nosso cálice de amarguras e prazeres, e deixamos no fundo essa gota de mel que podia ser o nosso viático, quando a morte fizesse de nós a sua prêsa.

MERCEDES BLASCO.

ACTUALIDADES DA QUINZENA

O sr. ministro das Colónias, dr. Francisco Vieira Machado recebendo os cumprimentos dos funcionários do seu ministério no dia em que completou dois anos na gerência da sua pasta. Esta manifestação, tão sincera quão espontânea traduziu bem o seu alto significado de justiça. Todos se congratularam, como portugueses, pela grande obra realizada nos últimos vinte e quatro meses

O sr. dr. Serras e Silva ouvindo um dos discursos de homenagem proferidos durante a manifestação que lhe tributaram no dia em que, atingido pelo limite de idade, deixou o cargo de director geral de Saúde Escolar

O sr. dr. Pedro Teotónio Pereira com o sr. ministro das Obras Públicas e algumas personalidades que lhe foram apresentar cumprimentos no momento de partir para Salamanca como Agente Especial do Govêrno Português

O antigo director da Marinha Mercante, sr. capitão de mar e guerra Silvério da Rocha e Cunha dando posse ao novo director, sr. capitão de mar e guerra Azevedo Franco. Á cerimónia, que foi concorridíssima, compareceram todos os oficiais e muitos funcionários civis que trabalham na repartição da Marinha Mercante. — *Á direita:* O jazigo do cemitério de Sandim donde foram roubados dois ataúdes

S. Francisco Xavier catequizando os japoneses

O USO DAS ARMAS DE FOGO NO JAPÃO

Foi um português que ensinou os japoneses a dar tiros

PORTUGAL — honra lhe seja! — esteve sempre à frente dos grandes empreendimentos.

Se as grandes nações se orgulham das suas frotas formidáveis que sulcam os mares em rápida travessia, podendo dar a volta ao Mundo sempre que isso lhes apeteça ou convenha, devem ter sempre presente que foi um português — Fernão de Magalhães — o primeiro navegador que abriu caminho através dos Oceanos povoados de terríveis Adamastores.

Se as grandes potências ostentam uma aviação formidável, capaz de coalhar o céu de naves portentosas, não devem esquecer que foi um português — Bartolomeu de Gusmão — o primeiro a dar realização ao sonho de l'caro.

Se os arrogantes impérios — o Japão, por exemplo — avançam com os seus exércitos bem armados, levando tudo a ferro e fogo, não devem ignorar que foi um português — Diogo Zeimoto — quem ensinou os japoneses a dar tiros de espingarda.

Vem a propósito evocar êste facto que Fernão Mendes Pinto nos conta na sua *Peregrinaçam* "em que dá conta de muytas e muyto estranhas cousas que vio & ouviu no reyno da China, no da Tartária, no no Sornau, que vulgarmente se chama Sião, no do Calaminhan, no de Pegú, no de Martauão, & em outros muytos reynos & senhorios das partes Orientais, de que nestas nossas do Occidente ha muyto pouca ou nenhũa noticia».

Se o Japão tem alguma consideração pelos seus cronistas, deve ter sempre em primeira plana êste português que tanto se empenhou em divulgá-lo no Ocidente.

No seu interessante trabalho, Fernão Mendes Pinto entra na minúcia que tão preciosa é hoje para quem estuda, dando conta "de muytos casos particulares que acontecerão assim a elle, como a outras pessoas; & no fim trata brevemente de algũas cousas, & da morte do Santo Padre mestre Francisco Xavier, unica luz, & resplandor daquellas partes do Oriente, & Reytor nellas universal da Companhia de Jesus».

Referindo-se ao famoso aventureiro, os irmãos Castilhos dizem na sua Livraria Clássica Portuguesa:

"A vida de Fernão Mendes Pinto foi, pelo menos nos pontos capitais, tal qual êle a narrou. Hoje soldado, amanhã mercador, depois marinheiro, aqui médico, acolá milionário, noutra parte embaixador, ora livre e dominando, ora preso e cativo, numa parte galardoado com as últimas honras, noutra amarrado, açoitado e escapando milagrosamente ao já levantado cadafalso... e tôda esta existência de contrastes decorrida em outra parte do mundo, nessas regiões, algumas das quais nunca antes dêle haviam sido pisadas por pé europeu! Tal é, por exemplo, o império do Japão, onde, por singulares acidentes e fortunas de mar, foram êle, Diogo Zeimoto e Cristóvão Borralho os primeiros que de nossas partes entraram.»

Foi Fernão Mendes Pinto quem primeiro deu informações do Japão, pois foi êle o primeiro europeu que ali aportou. As voltar dêste império encontrou-se com S. Francisco Xavier, ao qual se ligou tão intimamente que lhe confiou dois japoneses que o santo missionário catequizou e tornou dois auxiliares valiosos.

Portanto, cabe a Portugal a prioridade da descoberta do império do Japão, nessa época deliciosa em que os nipões desconheciam a pólvora e as suas variadíssimas aplicações. Felizmente que Fernão Mendes Pinto teve a ideia de deixar escritos todos estes factos, documentando-os tanto quanto possível.

Depois de narrar uma longa série de trabalhos e perigos, consegue aportar à ilha de Tanixumá que, em seu dizer, é "a primeira terra do Japão», vindo o Nautaquim (príncipe desta ilha) a bordo do junco fazer compras e preguntar que espécie de gente era essa "porque na diferença do rosto e barbas entendia que não eram chins».

"O capitão corsário — prossegue o autor da *Peregrinaçam* — lhe respondeu que éramos duma terra que se chamava Malaca, onde havia muitos anos que tínhamos vindo de outra que se dizia Portugal, cujo rei, segundo nos tinha ouvido algumas vezes, habitava no cabo da grandeza do Mundo. De que o Nautaquim fez um grande espanto, e disse para os seus, que estavam presentes, — "que me matem se não são estes os chenchigois, de que está escrito em nossos volumes, que voando por cima das águas, tem senhoreado, ao longo delas, os habitadores das terras, onde Deus criou as riquezas do Mundo, pelo que nos cairá em boa sorte, se êles vierem a esta nossa com título de boa amisade».

Quanto à parte referente a armas de fogo, Fernão Mendes Pinto diz:

"Nós, os três portugueses, como tínhamos veniagas em que nos ocupássemos, gastávamos o tempo em pescar e caçar, e ver templos dos seus pagodes, que eram de muita majestade e riqueza, nos quais os bonzos, que são os seus sacerdotes, nos faziam muito gasalhado, porque tôda esta gente do Japão é naturalmente muito bem inclinada e conversável. No meio desta nossa ociosidade, um dos três que éramos, por nome Diogo Zeimoto, tomava algumas vezes por passatempo tirar com uma espingarda, que tinha de seu, a que era muito inclinado e na qual era assás destro. E acertando um dia de ir ter a um paúl, onde havia grande soma de aves de tôda a sorte, matou nele com a munição umas vinte e seis marrecas. Os japões vendo aquele novo modo de tiros, que nunca até então tinham visto, deram rebate disto ao Nautaquim (era o governador da ilha) que neste tempo estava vendo correr uns cavalos que lhe tinham trazido de fora, o qual, espantado desta novidade, mandou logo chamar o Zeimoto ao paúl onde andava caçando, e quando o viu vir com a espingarda às costas, e dois chins carregados de caça, fez disto tamanho caso, que em tôdas as coisas se lhe enxergava o gôsto do que via; porque como até então naquela terra nunca se tinha visto tiro de fogo, não se sabiam determinar com o que aquilo era, nem entendiam o segredo da pólvora, e assentaram todos em que era feitiçaria.»

O Zemoto fez ainda alguns tiros em presença do Nautaquim, o que lhe valeu uma estrondosa ovação do público, e grande favor e honras da parte do príncipe, a quem êle se mostrou agradecido oferecendo-lhe a própria espingarda. Por esta mandaram logo fazer outras, de modo que quando Fernão Mendes e seus companheiros dali partiram, uns cinco meses depois, já na terra havia mais de seiscentas. E quando o mesmo Fernão Mendes voltou ao Japão em 1556, por ordem do vice-rei D. Afonso de Noronha, lhe afirmaram que na cidade do Funcheo existiam já passante de trinta mil espingardas.

Japoneses do Século XVI

"Assim por esta só que o Zeimoto aqui deu ao Nautaquim com boa tenção e amizade se encheu a terra delas em tanta quantidade, que não há já aldeia nem lugar por pequeno que seja donde não saiam de cento para cima, e nas cidades e vilas notáveis não se fala senão por muitos milhares delas. E por aqui se saberá que gente esta é, e quão inclinada por natureza ao exercício militar, no qual se deleita mais que todas as outras nações que agora se sabem.»

Já agora não deixaremos de citar um facto curioso: a zombaria que os nipões fizeram da maneira como os portugueses comiam.

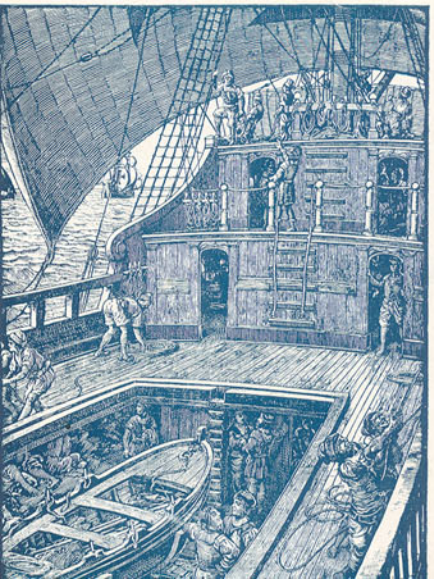
Diz o narrador que o rei, tendo despedido toda a gente que o acompanhara, ceou recolhido com sua mulher e seus filhos, e não quis que homem nenhum o servisse, porque o seu banquete era à conta da rainha.

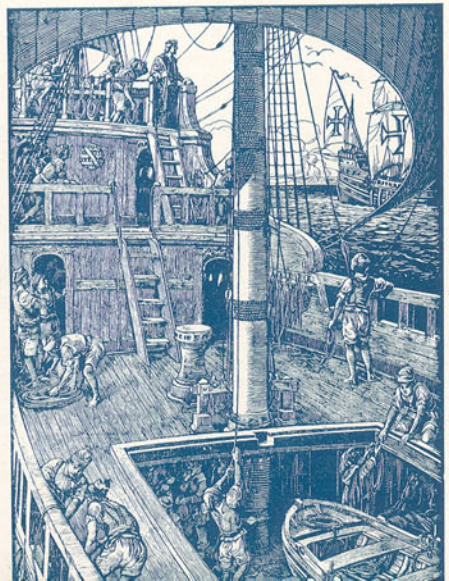
E logo lhes mandou preparar a mesa, com iguarias, assás limpas e bem guizadas.

"E servida por mulheres muito formosas — salienta Fernão Mendes Pinto — nos entregamos todos no que nos puham diante, bem a nossa vontade; porém os ditos e galanteios que as damas nos diziam e as zombarias que faziam de nós quando nos viam comer com a mão foram de muito mor gosto para El-Rei e para a Rainha que quantos autos lhes puderam apresentar, porque, como toda esta gente costuma a comer com dous paus, como já por vezes tenho dito, tem por muito grande sujidade fazê-lo com a mão, como nós costumamos.»

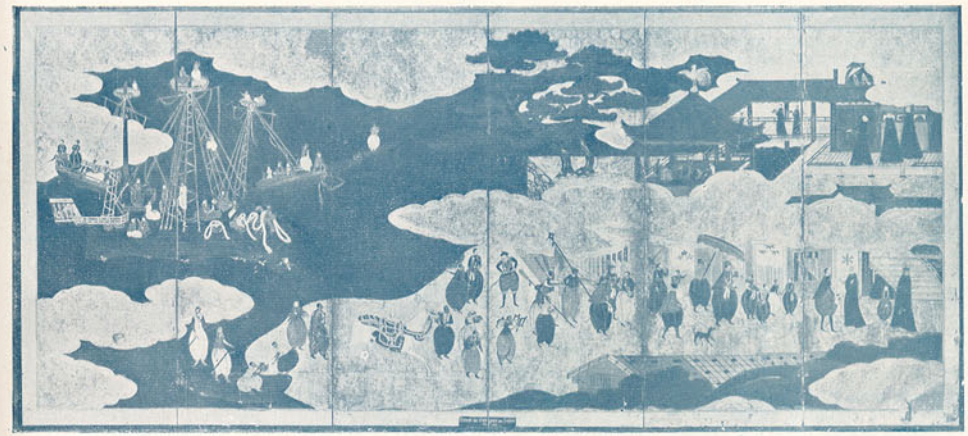
Enfim, zombaram, mas o grande aproveitamento tiveram-no os nipões. Os nossos usos seguiram o seu curso sem que as influências do Extremo Oriente os alterassem, ao passo que as nossas armas de fogo tiveram logo uma acção decisiva no desenvolvimento do Império do Sol Nascente.

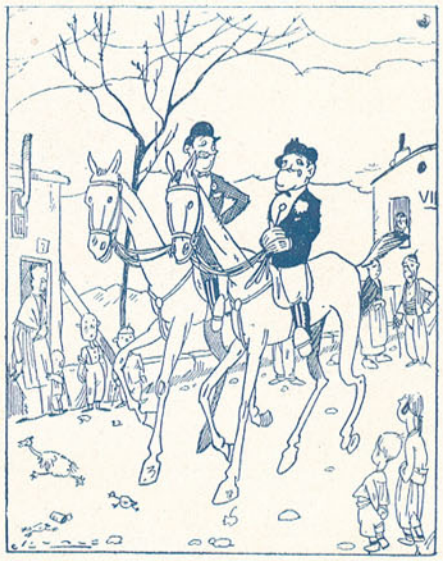
Biombo japonês do Século XVI, reproduzindo o encontro de S. Francisco Xavier com Fernão Mendes Pinto e Duarte da Gama junto do porto de Fanal (Bungo) em fins de Setembro de 1551. (Museu Guimet — Paris)





Interior de uma nau portuguesa do Século XVI — A parte de vante e a ré





— A frenologia é uma grande ciência. Outro dia, um frenólogo examinou-me a cabeça e...
— E que te disse?
— ... Disse-me que a lavasse!...

Entre dois meliantes que saem do Limoeiro:
— Tu que vais fazer agora?
— Vou pôr uma loja de ourives.
— Uma loja de ourives! Então que capital tens tu para isso?
— Essa não é má! Que capital tenho? Tenho uma gazua.

■

Um criminoso é entregue ao carrasco. Um padre aproxima-se:
— Meu filho, tem algum pedido a fazer? A vontade dos que vão morrer é sagrada.
— Tenho, sim, meu padre, queria aprender latim, árabe e chinês, e depois música e canto.

■

Um sujeito vai visitar um hospital de doidos, acompanhado de um formoso cão da Terra Nova. Um doido pacífico encontra-o no jardim e pregunta-lhe:
— É seu, êste animal?
— Sim, senhor.
— Quanto gasta com êle diàriamente?
— Vinte escudos e às vezes mais.
— O que é êste mundo! E eu estou aqui metido enquanto o senhor anda a passear lá por fóra!...

■

No bengaleiro dum teatro.
Um saloio pede o varino que dera a guardar.
— O seu número?
— Qual número?
— O número que lhe dei num cartão quando me entregou o seu varino.
— Ah! meti-o numa das algibeiras para não perder. Deve lá estar.

■

Um dia, certo professor cansou-se a ensinar a um discípulo pouco atilado uma coisa das mais simples, e quando,

afinal, conseguiu que êle a soubesse, disse-lhe fatigadíssimo:
— Apre! que se eu não tivesse vindo para esta terra, você era o maior burro que cá havia.

■

Num restaurante:
— O sr. não toma café?
— Não; quando o tomo não posso dormir.
— Pois comigo dá-se exactamente o contrário: quando durmo não posso tomá-lo.

■

Um campónio aproxima-se de um amigo que está pescando:
— Mas como diabo queres tu que os peixes peguem se não pões isca no anzol?
— Olha, Gaudêncio, sabes que mais? Se quizerem pegar, que peguem; se não quizerem, que não peguem. Eu não sou para enganar ninguém».

■

Numa *soirée*: Um sujeito enche apressadamente os bolsos de bolos supondo que ninguém via; de repente sente a perna esquerda, escaldada. Volta-se furioso e vê o criado a entornar-lhe uma chícara na algibeira da calça.
— O que é isto?!
— Ah! perdão! — torna o criado respeitosamente — como V. Ex.ª leva o bolos, supuz que também queria levar o chá...

■

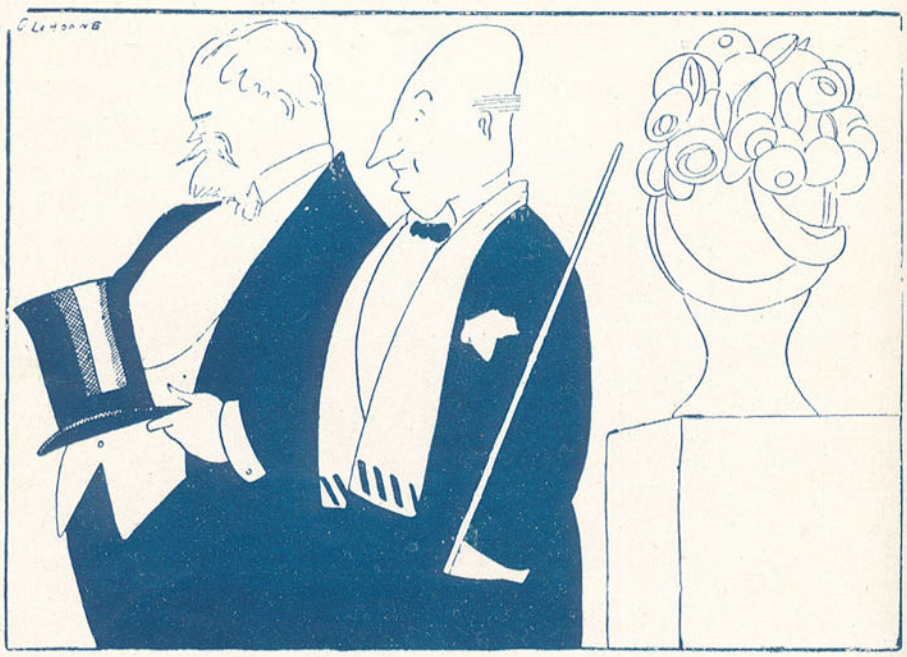
— Meu bemfeitor, uma esmola. A miséria bate-me à porta...
— Pois não lha abra!

■

Dois bêbedos chegam à Avenida da Liberdade:
— Vamos a carregar daqui com o monumento — propõe um dêles.
— Está dito.
Os dois despem os casacos, colocam-nos no chão, e começam fazendo inauditos esforços, a empurrar o monumento.
Nisto, um gatuno que passa surripia-lhes os casacos.
Daí a bocado um dos bêbedos pára na sua faina.
— Sabes onde estamos já?
O outro olhando em redor:
— Ao certo não sei. Mas devemos ir muito longe, porque nem já se vêem os casacos.

■

Falava-se das manchas do sol, e um dos assistentes sustentava que o astro do dia se ia pouco a pouco apagando:
— Oh! disse um outro, que horrível coisa seria se o sol se extinguisse!
— O que sucederia à humanidade!
— Para mim era uma grande coisa — notou ali do lado um capitalista.
— Não compreendemos, — disseram em côro os circunstantes.
— Sou acionista da companhia do gaz — explicou êle, sorrindo-se com finura.



— Que família infeliz! O filho mais velho está no manicómio, o do meio é artista, e êste... quere o meu amigo saber?!.. Casa por amor!...

VIDA ELEGANTE

Festas de caridade

«Chá Mah-Jong»

Organizado por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade de que faziam parte as seguintes: D. Alice de Sousa e Melo, D. Ana da Camara de Bragança, Condessa de Murça, D. Helena Mauperrin Santos Ferrão de Castelo Branco, D. Isabel de Melo de Almada e Lencastre, D. Margarida Pinto Bastos de Almeida, D. Maria Cândida de Metelo, D. Maria de Carmo Contreiras Machado, D. Maria Isabel de Sousa Rego de Campos Henriques, D. Maria João da Câmara Bianchi, D. Maria Lane Borges de Sousa, D. Merita Abudarahm Abecassis, D. Octávia Stromp Martins Pereira e D Sára Abecassis Seruia, realizou se na tarde do dia 24 de Janeiro último, nos belos salões do Club Tauromáquico, gentilmente cedidos pela direcção desta elegante agremiação, um «Chá Mah-Jong» de caridade, cujo produto se destinava a favor do cofre da benemérita instituição Casa de Proteção e Amparo de Santo António, tendo havido além de mesas de «Mah-jong», mesas de «Bridge» e de «Bluff».

A comissão organisadora deve ter ficado plenamente satisteita com os resultados obtidos tanto financeiro, como mundano.

Casamentos

Na capela do Senhor dos Passos, da paroquial de S. Jorge, em Arroios, celebrou se o casamento da sr.ª D. Maria José de Oliveira Pereira da Rocha, interessante filha da sr.ª D. Amélia de Jesus de Oliveira Pereira da Rocha, e do sr. João Pereira da Rocha, já falecidos, com o sr. Levy Augusto Gomes de Sousa e Cirilo, funcionário superior da Misericórdia de Lisboa, filho da sr.ª D. Carlota Gomes de Sousa e Cirilo, e do sr. Joaquim Augusto de Sousa e Cirilo, servindo de madrinhas as sr.as Condessa de Alto Dande, D. Maria Floripes Dias Guedes, D. Cristina Augusta de Oliveira Pereira da Rocha e D. Lídia Jacinta Valadas da Fonseca Pereira da Rocha e de padrinhos os srs. João Capelo Jales, Cassiano Viriato Pereira da Rocha, José Marcelino Pereira da Rocha e João Pereira da Rocha, sendo o acto presidido pelo prior da freguezia, reverendo cónego dr. Martins Pontes, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Serviram de «Damas de Honor» as meninas Maria Mail de Oliveira Arroja, Cecilia Ferreira, Alice de Sousa, Gabriela de Sousa y Plaza e Emília dos Reis Soares.

Finda a cerimónia foi servido no elegante palacete da sr.ª condessa do Alto Dante, madrinha do noivo, um finíssimo lanche, partindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas, para Sintra, onde foram passar a lua de mel.

Na assistência á cerimónia recorda-nos ter visto as seguintes pessoas:

Condessa do Alto Dande, D. Maria Gertrudes de Oliveira de Sousa, D. Maria da Conceição Gomes de Sousa, D. Maria de Azevedo, D. Carlota Gomes de Sousa e Cirilo, D. Eduarda Luíza da Gama de Castro Cabrita, D. Margarida Georgina Pinheiro Pires da Gama, D. Isidora Soares, D. Justiniana Andrea Massano, D. Virginia de Sousa e Cirilo; dr. Saavedra Machado, dr. Ilídio Gomes de Sousa e Cirilo, dr. Aristides da Silva Couto, Pavia de Magalhães, maestro Del Pino, dr. Carlos da Silva Ramos, dr. Caldas Ferraz, dr. Graciano Lopes Manso, capitão Arnaldo Tavares e espôsa, Artur José Lobo da Silva e espôsa, Joaquim Augusto de Sousa e Cirilo, Francisco Arroja e espôsa, Júlio Gomes de Sousa y Plaza e espôsa, Antônio Pereira dos Santos, Francisco Florindo Pereira, Augusto Nogueira e espôsa. Filipe Nogueira, Armando Henriques Veras, José Pereira de Faria, Miguel Guerra, Sebastião Franco de Sousa e espôsa, Emmanuel Bezzina Esguelha, Vítor Monteiro de Campos, António Restolho, etc., etc.

— Celebrou-se na paroquial de S. Mamede, o casamento da sr.ª D. Maria Celine Vosgien de Noronha, gentil filha da sr.ª D. Celine Vosgein Noronha e do nosso querido amigo e ilustre disportista sr. Mário de Noronha, com o segundo tenente da armada, da guarnição do aviso «Afonso de Albuquerque», sr. Luciano Marques Braga Ferreira Bastos, filho da sr.ª D. Lidia Marques Braga Ferreira Bastos, já falecida e do distinto clínico na Figueira da Foz, sr. dr. Alberto Ferreira Bastos, tendo servido de madrinhas a mãi da noiva e a tia materna do noivo sr.ª D. Joaquina Marques Braga Leite Lage e de padrinhos o pai da noiva e o tio da noiva sr. dr. José Júlio Leite Lage, ilustre especialista de doenças de crianças, presidindo ao acto o reverendo Gomes, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência do tio da noiva sr. Victor Manuel de Noronha, um finíssimo lanche, partindo os noivos, aquem foram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas, para o Estoril, onde foram passar a lua de mel.

— Com a maior intimidade, realizou-se na elegante residência da sr.ª D. Virgínia Ribeiro Pereira dos Santos, e do sr. Armando Joaquim Pereira dos Santos, o casamento de sua gentil filha D. Maria Ivone, distinta professora do Conservatório Nacional, com o sr. António Gonçalves Bargão funcionário do Ministério das Colónias, e nosso colega na imprensa, tendo servido de madrinhas as sr.as D. Laura Camara de Sousa e D. Adriana Bargão Romão Magro, prima do noivo, e de padrinhos os srs. Mestro Costa Reis e o major Joaquim José Magro, primo do noivo

Acabada a cerimónia foi servido no salão de mesa da elegante residência um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

— Celebrou-se na paroquial de S. Lourenço, o casamento da sr.ª D. Maria Leopoldina Ribeiro Dias, gentil filha da sr.ª D. Judite Ribeiro Dias e do sr. Joaquim Bento Dias, com o sr. Fernando Jorge Silva Pelico, filho da sr.ª D. Berta Miranda da Cruz Amante Pelico, e do sr. dr. Silvio Pelico, servindo de madrinhas as sr.as D. Maria Luísa Manso e a senhora de Britton, e de padrinhos os srs. Izidro Bento Dias e dr. José Ramos Fialho.

Terminada a cerimónia foi servido um finissimo almôço, recebendo os noivos um grande número de artísticas prendas.

— Realizou-se o casamento da sr.ª D. Magda Odete de Freitas, com o sr. Manuel Faustino, tendo servido de padrinhos por parte da noiva a sr.ª D. Ilda da Luz Carvalho Travassos e o sr. Carlos Simões Travassos, e por parte do noivo a sr.ª D. Ana Miguel Faustino e o sr. António Faustino, pais do noivo.

Finda a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, partindo os noivos, a-quém fôram oferecidas grande número de valiosas prendas, para Evora, onde fôram passar a lua de mel.

— Na paroquial de S. Vicente, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Etelvina Jesus Dias, gentil filha da sr.ª D. Felismina Jesus Dias e do sr. Manuel Dias, já falecido, com o sr. Alfredo Alves da Silva, filho da sr.ª D. Alice Vasconcelos Silva e do sr. Alípio Alves da Silva, tendo servido de madrinhas as sr.as D. Albertina Elvas Pires e D. Maria das Dôres Barrela, e de padrinhos os srs. António Alves Pires, e Raúl Silva Barrela.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência do pai do noivo, à Estrada de Benfica, um finíssimo lanche, partindo os noivos, a-quém foi oferecido um grande número de artísticas prendas, para a Curia, onde fôram passar a lua de mel.

— Celebrou-se na paroquial dos Anjos, o casamento da sr.ª D. Hortência Henriques de Melo Nogueira, distinta professora do Liceu Passos Manuel, interessante filha da sr.ª D. Amélia Henriques de Melo Nogueira e do sr. José Nogueira, funcionário superior da Direcção das Cadeias Civis de Lisboa, com o sr. dr. Alvaro Godolfim de Matos Cordeiro, filho da sr.ª D. Antónia Maria Godolfim de Matos Cordeiro e do general sr. António Maria de Matos Cordeiro, já falecido, tendo servido de madrinhas a sr.ª D. Hortência Portela Gomes e a mãe do noivo e de padrinhos os srs. António Portela Gomes e o brigadeiro Tasso de Miranda Cabral.

Terminada a cerimónia, foi servido na elegante residência dos noivos, um finíssimo lanche, seguindo os noivos, a-quém fôram oferecidas grande número de valiosas prendas, para o norte, onde fôram passar a lua de mel.

— Em capela armada na elegante residência dos pais do noivo, da sr.ª D. Francelina Ferraz de Matos e Silva e do sr. dr. Anacleto de Matos e Silva, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Maria Eduarda Cansado de Carvalho, gentil filha da sr.ª D. Maria Amélia Cansado de Carvalho e do distinto engenheiro sr. Eduardo Rodrigues de Carvalho, tendo servido de madrinhas as mães dos noivos e de padrinhos o ilustre engenheiro sr. dr. Duarte Pacheco, antigo ministro e actual presidente da Câmara Municipal de Lisboa, e o pai do noivo, presidindo ao acto o reverendo monsenhor Gonçalo Nogueira, prior de Santa Maria de Belem, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, da pastelaria «Versailles», recebendo os noivos um grande número de artísticas prendas.

— Presidido pelo reverendo prior da freguezia, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, celebrou-se na paroquial dos Anjos, o casamento da sr.ª D. Odete Maria de Sousa Calado Simões Pires, interessante filha da sr.ª D. Alda Maria Sousa Calado Simões Pires, e do sr. Adelino Simões Pires, com o sr. Luís Francisco Pereira de Abreu Marques, filho da sr.ª D. Ilda da Anunciação Pereira de Abreu Marques e do sr. Maciel Caetano Filipe Basto Marques, tendo servido de madrinhas as sr.as D. Mariana Nogueira e Silva e D. Maria de Lourdes Santos de Mendonça Belo e de padrinhos os srs. João Jorge da Silva e Luís de Mendonça Belo.

Acabada a cerimónia, foi servido um finíssimo lanche, seguindo os noivos, a-quém fôram oferecidas grande número de valiosas prendas para o Estoril, onde fôram passar a lua de mel.

— Com muita intimidade, realizou se a casamento da sr.ª D. Georgina Augusta do Nascimento Gonzaga Martins com o sr. Alberto Carvalho Reis Cunha, servindo de madrinhas as sr.as D. Estefania Augusta Pereira e D. Maria Adelaide de Noronha e de padrinhos os srs. José Gonzaga Martins e tenente-coronel Carlos de Noronha.

Acabada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, seguindo os noivos, a-quem fôram oferecidas grande número de artisticas prendas para Sintra, onde fôram passar a lua de mel.

— Para seu filho José, foi pedida em casamento em Santa Comba-Dão, pela sr.ª D. Adelaide do Patrocinio Batalha Manzoni de Sequeira, espôsa do sr. António Manzoni de Sequeira, administrador do nosso colega «Diário de Lisbôa» a sr.ª D. Iracema Duarte Costa, interessante filha da sr.ª D. Maria Rosa Duarte Costa, já falecida e do sr. Manoel da Costa, devendo a cerimónia realizar-se por todo o próximo mez de Junho.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso num quarto particular da Maternidade Dr. Alfredo Costa, assistido pelo distinto cirurgião sr. dr. Costa Felix, a sr.ª D. Albertina Medina, espôsa do distinto alferes-aviador sr. Medina. Mãe e filho estão de perfeita saúde.

— A sr.ª D. Maria Adelina Rodrigues Machado Martins dos Reis, espôsa do capitão sr. Reis, director da Colónia Penal de Cabo Verde, teve o seu bom sucesso. Mãe e filha encontram-se felizmente bem.

— Na Marternidade Dr. Alfredo Costa, teve o seu bom sucesso, a sr.ª D. Maria da Soledade Branco, espôsa do sr. Branco. Assistida pelo distinto cirurgião sr. dr. Costa Felix. Mãe e filho estão bem de saúde.

— A sr.ª D. Albertina Tadeu de Almeida Ribeiro Larangeira Soares da Veiga, espôsa do sr. Mário Edgard Soares da Veiga, director do Instituto de Radiologia de Nova Gôa. Mãe e filha encontram-se felizmente bem.

Baptisados

Na paroquial do Santo Condestável, à rua do Patrocinio, celebrou-se o baptisado da menina Maria Salomé, gentil filhinha da sr.ª Maria Amélia Coelho de Campos Teixeira de Sampaio, e do distinto engenheiro sr. Manuel de Sousa Teixeira de Sampaio, servindo de madrinha a tia paterna sr.ª D. Maria José Guerreiro de Sousa e de padrinho o bisavô paterno sr. conselheiro Fernando de Sousa, ilustre director do nosso colega «A Voz».

D. Nuno.

Uma magnífica pista para descidas em esqui

A QUINZENA DESPORTIVA

A assinalada vitória da nossa equipa representativa de "football» sôbre o onze seleccionado da Hungria, confirmando com brilhantismo o precedente êxito de Vigo, teve forte repercussão na crítica europeia e colocou-nos felizmente em foco nas vésperas do campeonato do mundo que a França foi encarregada de organizar.

São incontestáveis os progressos do "football» português, e embora seja excessivo optimismo considerar normal e possível de repetir à vontade um resultado tão expressivo como aquele que aplicámos aos húngaros nas Salésias, os factos mostram-nos uma evolução técnica que excede em valor a de qualquer época precedente.

A célebre equipa de 1928, que tanto brilhou no torneio olímpico de Amsterdão, possuiria talvez individualmente alguns elementos de classe superior, mas não equivalia certamente à actual no jôgo consciente de conjunto.

Devemos encarar com calma confiante o jôgo que em 1 de Maio nos oporá em Milão à Suiça, para classificação no campeonato mundial; não quer isto dizer que a vitória seja certa, mas que as probabilidades de triunfo se inclinam mais para a nossa representação segundo o julgamento de quem conhece a categoria das duas selecções. Se a vontade não faltar aos jogadores portugueses e a sorte os acompanhar na luta, teremos a satisfação de ser incluidos nas 16 nações apuradas para a disputa do torneio final da Taça do Mundo, cujos primeiros encontros estão marcados para 4 de Junho.

A grande prova quadrienal, que vai ser organizada pela terceira vez para indicação dum sucessor ao Uruguai e à Itália, reuniu a devido tempo a inscrição de 32 nações, às quais se juntou tardiamente a da Argentina que a F. I. F. A. decidiu aceitar porque a presença dêste país na sua prova representa uma vitória política e um golpe profundo na dessidência sul-americana.

No entanto, tal como sucedeu em 1934, o número de participantes na competição pròpriamente dita foi fixado em 16, neles aceitando por direito a França, país organizador, e a Itália, detentora do título. Os restantes 30 foram divididos em doze grupos eliminatórios, oito na Europa, os restantes na Asia, América do Norte, Central e do Sul, cuja actividade vamos resumidamente apontar.

A Alemanha e a Suécia foram apuradas no 1.º grupo, em detrimento da Finlândia e da Estónia. A delegação germânica será uma das favoritas do campeonato, pois há mais dum ano que não é vencida e ainda na final dêste torneio de classificação bateu a reputada equipa sueca por 4-0.

No 2.º grupo conhece-se já um dos vencedores, a Noruega, que eliminou o Estado Livre da Irlanda contra quem jogou duas vezes, ganhando 3-2 em Oslo e empatando 3-3 em Dublin. O outro qualificado depende ainda do segundo encontro Jugoslávia-Polónia marcado para Abril no país primeiro citado; a Polónia leva a vantagem de haver triunfado "em casa» por 4-0.

A Roménia classificou-se no 3.º grupo sem necessidade de jogar; o Egito, seu presumido adversário não poude aceitar as datas de Dezembro propostas para o primeiro encontro porque coincidiam com as festas religiosas do Ramadan, apresentando tantas dificuldades que foi considerado desistente pela comissão organizadora.

O 4.º grupo é o nosso, e o jôgo em que defrontaremos a Suiça decidirá de qual visitará a França.

No 5.º grupo, a Hungria tem quási certa a classificação; deverá encontrar para qualificar-se o vencedor do encontro Grécia-Palestina, que não deve ser adversário para temer.

Checo-Eslováquia e Bulgária são os componentes do 6.º grupo; tendo empatado em Sofia, a sorte da eliminatória decidir-se-á no jôgo de Praga cujo vencedor é fàcilmente previsível.

O 7.º grupo liquidou já a sua tarefa; a Austria obteve a prioridade batendo a Letónia, a qual anteriormente derrotara a Lituania.

Finalmente no 8.º grupo, composto pela Bélgica, Holanda e Luxemburgo, para apuramento de dois concorrentes, não é difícil apontar o sacrificado apesar de ainda se não haver realizado nenhum dos encontros previstos.

Segundo as maiores probabilidades, os 13 representantes da Europa no Campeonato serão pois: França, Itália, Alemanha, Suécia, Noruega, Polónia, Roménia, Suiça ou Portugal, Hungria, Checo-Eslováquia, Austria, Bélgica e Holanda.

A América do Sul será representada pelo Brasil, único inscrito dentro do praso legal; o outro concorrente sul-americano, a Argentina deverá disputar em França a sua entrada no torneio defrontando o vencedor da eliminatória da América Central, provavelmente o México.

A mecânica de apuramento no grupo Central Americano é bastante complicada; Cuba, Colombia e Guiana Holandesa disputarão uma primeira "poule», cujo vencedor jogará depois em nova "poule» com a Costa Rica e São Salvador; entre o México e o primeiro classificado deste segundo grupo decidir-se-à o apurado.

O décimo-sexto participante dos oitavos de final será o vencedor do encontro, Estados Unidos, apurado norte-americano sem competidores, contra Índia Holandesa, qualificado asiático também sem haver jogado porque o Japão desistiu em consequência da guerra. Este jôgo foi, marcado para Amsterdão, no dia 26 de Maio.

■

Os desportos de inverno, sobretudo o desporto da neve, essencialmente higiénico e saudável, estão assumindo em todo o mundo uma importância extraordinária, captando dia a dia maior número de adeptos.

O êxodo dos fins de semana para as regiões montanhosas onde a sua prática é possível, assumiu em todas as grandes capitais europeias proporções nunca conhecidas que provam uma popularidade realmente interessante, bastante auxiliada pelas campanhas de imprensa e pelas grandes facilidades de transporte nas companhias de caminho de ferro respectivas.

Em Paris, para citar como exemplo a cidade cujos hábitos e preferências mais costumam ser copiados pela nossa gente, houve êste ano a necessidade de organizar ao sábado combóios especiais destinados às estações turísticas dos Alpes, os quais partiam de meia em meia hora completamente repletos de passageiros.

Portugal, pela sua situação geográfica e pelo clima temperado de que goza, não dispõe de facilidades para a prática dos desportos de inverno, apenas possível durante curto praso na Serra da Estrela; mas mesmo em tais condições a divulgação dos prazeres incomparáveis da neve e do esquí está ainda por fazer e poderia ser uma proveitosa corrente de turismo para as regiões favorecidas.

A neve é totalmente desconhecida da maioria dos portugueses e não hesitamos em afirmar que aquela nevada do dia primeiro do ano constituiu espectáculo inédito para oitenta por cento dos habitantes de Lisboa. No entanto, para tantos milhares de pessoas cuja vida decorre seis dias na semana entre as quatro paredes dum escritório, duma loja ou duma oficina, que excelente domingo reparador não seria a deslocação até aos cimos nevados, respirando ar puríssimo na alegria dum exercício salutar!

As tentativas de propaganda, têm sido até agora tímidas e espaçadas; seria indispensável melhor continuidade em esforços mais insistentes e, sobretudo, uma campanha inicial de características nacionais na qual colaborassem impondo-se sacrifícios à Companhia dos Caminhos de Ferro e todas as organizações de transporte colectivo susceptíveis de tirar posteriormente proveito da iniciativa.

Guie-se o povo até ao conhecimento dos desportos da neve e ver-se-à de seguida o entusiasmo com que êle acolherá a descoberta; em Portugal pode praticar-se essa modalidade em circunstâncias relativamente fáceis visto a distância que separa as nossas duas únicas grandes cidades da Serra da Estrela ser possível de percorrer em escassas horas desde que se aperfeiçoe o modo de transporte. A Covilhã está naturalmente indicada como centro de irradiação turística e, no seu próprio interesse, cuidaria de proporcionar aos visitantes o acesso agradável aos locais propícios da serra, uma estadía em condições vantajosas que lhes provocasse saüdade e o desejo de voltar.

Bom serviço prestaria ao país e ao povo urbano a entidade que tomasse a iniciativa de organizar uma grande excursão popular às regiões da neve, repetindo-a semanalmente embora as primeiras tentativas não correspondessem ao objectivo porque a acção de propaganda acabaria vencendo a clássica indiferença nacional.

SALAZAR CARREIRA.

A marcha sôbre a neve, num cenário de encanto, é o mais higiénico e aprasível dos desportos

Entre a terra e o céu

Um friso de encantadoras raparigas concorrentes a uma prova de esqui

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

Sob a direcção de ORDISI

NÚMERO 7

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Jaime Seguier (ilustrado); Povo; Cândido de Figueiredo, 2 vol.; Simões da Fonseca (pequeno); H. Brunswick (língua e antiga linguagem); Francisco de Almeida e H. Brunswick (Pastor); J. S. Bandeira; Fonseca & Roquette (Sinónimos e língua); F. Torrinha; A. Coimbra; Moreno; Ligorne; Mitologia de J. S. Bandeira; Dic. de Mitologia de Chompré; Rifoneiro de Pedro Chaves; Adágios de António Delicado; Dic. de Máximas e Adágios de Rebelo Hespanha; Lusíadas.

CORRESPONDÊNCIA

Jorge de Lucena e Adeuzinho. Recebi e agradeço; no próximo número farei publicar.

IMPRENSA

O Charadista. Dando começo a um importante torneio charadístico saíu, no mês transacto, à luz da publicidade, mais um magnífico número desta famosa revista a qual insere óptima e variada colaboração da especialidade.

Charadas. Com êste título publica o *Século Ilustrado* uma nova secção de charadas sob a direcção do distinto confrade Visconde da Relva. Desejamos-lhe as maiores prosperidades no desempenho da sua missão em prol do charadismo.

PRÉMIOS

Acrescentaremos, hoje, à lista dos prémios já obtidos para o nosso torneio mais o seguinte:

Últimos Versos, de Eugénio de Castro, 1 exemplar. Oferta de Agasio. *Dicionário de Rimas*, de Costa Lima, 1 exemplar. Oferta do autor. Os nossos agradecimentos.

ERRATA

A última palavra da charada em frase extra-concurso, inserta no penúltimo número, deve ser *agradecido* em vez de *obrigado*.

OMISSÃO

Por lapso foi omitido o pseudónimo do Mirones no seu figurado, inserto no número anterior.

TRABALHOS EM VERSO

LOGOGRIFO

1) Vi-a uma vez, presa ao pensamento
Dalgum *desejo* infindo... — 2-5-4-1
No chão deitada; ali Favónio atento,
Curioso, lhe mirava o rosto lindo. — 4-1-4-3

Por instantes fiquei a contemplar
A *dama* com frescura — 2-1-5-1
Que me enlevou no seu divino olhar
Repleto de *belesa* e de ternura! — 2-5-2-6

Nunca eu sonhara imagem tão cabal
Como a dessa mulher!...
Que perfeição de corpo escultural
Capaz, até, de um santo enlouquecer...

E, a-fim-de que por ela visto fôsse —
Pois Cupido a velava —
Lhe disse, já confuso por tão doce
Olhar que para mim então lançava:

Só tenho pena de não ser poeta...
E logo ela se riu!...
Porém, amor, tomando numa seta
Apontou... e o meu coração feriu...
.....

E desapareceu às gargalhadas
Rindo desta paixão,
Que eu tecera em manhãs aurirosadas,
Sonhando a mais veemente *inclinação!*...

Lisboa *Fero*

NOVÍSSIMAS

2) Agora, neste momento,
Senti *ndusea*, de verdade, — 2
Só por constatar que em Évora
Não tenho nenhum confrade.
Parece que estou num *ermo* — 1
Sem ter outra companhia
Que me secunde na causa
Com denodo e valentia.

Não quero, de modo algum,
Tornar-me assaz *enfadonho*,
Mas p'ra que ingressais na arte
Eu hoje, aqui, vos proponho.

Évora *Jotaéme*

(Ao Sr. Director)

3) Queira desculpar, Senhor,
Não poder continuar;
Porque breve tenho exame
E eu preciso de estudar.

Pois se apanho uma «raposa»
O meu pai dá-me «táu-táu»,
Com um *pau* ou c' uma vara — 2
Com uma *vara* ou um pau. — 1

Mas se ficar aprovado
Prometo continuar;
Porque assim não terei medo
De co' *cajado* apanhar.

Porto *Fernando Laborim*

SINCOPADA

4) A minha prima Maria,
Que por casar anda morta,
Fica cheia de alegria
Quando passo à sua porta.

Se acaso não passo, absorta
Fica a pobre nesse dia...
A minha alma até se corta
Com tanta melancolia!

Mal me consiga *empregar*
Como marido da bela,
Unir-nos-á forte «*laço*»...

É melhor que trabalhar
Ser marido de donzela
Que tenha muito «bagaço»... — 3-2

Lisboa *Alma Negra*

MEFISTOFÉLICA

5) Se me chegar o *salário*
Eu *não* me quero privar
De contribuir também
P'ra *expedição militar*. — (2-2) 3

Lisboa *X 505*

ENIGMA PITORESCO

(A Efonsa com um abraço)

Biscaia *Olegna*

ENIGMA

6) Meu todo tem — letras quatro —
Nos extremos são vogais;
As consoantes no centro,
Como verificar vais.

Sou homem brusco e feio,
Mas fui sempre, na escola,
Estudante premiado,
E com muito boa tola.

Luanda *Ti-Beado*

TRABALHOS EM PROSA

NOVÍSSIMAS

7) Na *orla* da serra *lastimo* sempre a tua *partida*. 2-3.

Lisboa *Agasio*

8) Quando a *intriga* entra numa casa, onde haja *lã de carneiro*, arranja-se tal *embrulhada*, que depois ninguém se entende. 1-2.

Luanda *Dr. Sicasear (L. A. C.)*

9) Amar o *trabalho* é «*um*» dom *precioso*. 2-1.

Biscaia *Olegna (L. A. C.)*

10) Quando *apanha* uma *bebedeira* não se pode aturar a minha *enteada*. 2-2.

Benfica *R. Maia (L. A. C.)*

11) É **próprio** de gente reles essa *péssima linguagem*. 3-1.

Luanda *Zé da Eira*

12) A *bandeira* não é *coisa insignificante* que se menesprese, pois tem para nós a maior *importância*. 1-1.

Lisboa *Francisco J. Courelas*

(Extra-concurso)

Acontece faltar *coragem* a um louco *apaixonado*. 1-2.

Verificável no Dic. de Ligorne

SINCOPADAS

13) O teu corpo *flexível* mantém ainda a mesma *tôrça*. 3-2.

Lisboa *Mirna*

14) Com simples *respiração* consegui apagar o *lume*. 3-2.

Lisboa *Francisco J. Courelas*

15) O *janota* também prega a sua *mentira*. 3-2.

Luanda *Ti-Beado*

16) A *tempestade violenta* é, para a gente do mar, assaz *desleal*. 3-2.

Lisboa *Ramon Lágrimas*

17) *Espesso e longo* e *ordinário*. 3-2.

Lisboa *Rei Mora*

18) É tal a *miséria* que nem um centavo tens para pagar a *coima*. 5-4.

Leiria *Magnate*

MEFISTOFÉLICAS

19) A cura de uma simples *arranhadura* me *basta* para obter algum *lucro*. (2-2) 3.

Lisboa *Moreninha*

20) No *buraco, onde se abrigam os animais*, há uma «*ave*»; tu e eu vamos até lá e aquele que primeiro agarrar essa ave, tem de dar um *apêrto de mão* ao outro. (2-2) 3.

Lisboa *Dr. Sicasear (L. A. C.)*

Tôda correspondência respeitante a esta secção deve ser dirigida a: **Isidro António Gayo**, redacção da *Ilustração*, Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

A MATERNIDADE

A maternidade é para a mulher a realização daquilo para que foi criada. A sua função essencial no mundo. A mulher nasce para ser mãi.

O seu brinquedo favorito é a boneca, que é para ela o filho querido, a pequenita tem à sua boneca o amor, que mais tarde, mulher, terá ao seu filho.

Com que ternura a embala nos braços, com que amor a veste, como gosta que lhe digam que é linda a sua boneca, e, reparem que não é a boneca linda, vestida com a maior elegância que é a sua preferida.

Em geral é uma boneca velha, com a cabeleira estragada, uma perna partida, aquela que mais traz nos braços que embala com maior carinho, que quer à mesa a seu lado e que quando se deita, tem a acompanhar o seu inocente sono de bébé.

E ainda nisto, ela é como a mulher que é mãi e tem muitos filhos. É sempre o mais enfezado, o mais doentinho, o menos brilhante o que recebe mais carinhos e mimos da mãi, que quer talvez compensá-lo, no seu grande amor, da sua sorte mesquinha.

A pequenita no seu instinto maternal, é já mulher, e é mulher naquilo que de mais belo ela tem, a dedicação maternal, o carinho e a ternura pelo filho que sofre; a doçura do sentimento e a caridade no amor.

É o instinto natural que lhe indica, aquilo para que nasceu e lhe diz qual é a sua missão.

Missão tão bela, tão elevada e tão espinhosa. Missão de sacrificios, de amor e de alto significado na vida da humanidade. O sacrificio é a base do amor maternal e a mulher nasce para se sacrificar, porque se por destino, não tem filhos, procura sempre por quem se sacrificar.

É talvez por ser a maternidade um sacrificio continuado, que encontramos agora na mulher que se diz moderna, uma repugnância incompreensivel, de ser mãi. Incompreensivel, porque é anormal visto que nunca deve repugnar aquilo para que fomos criados.

Mas uma avassaladora onda de egoismo invadiu o mundo, é frequente ouvirmos dizer que o homem é egoista, mas se a mulher diz isto é porque o seu egoismo se choca com o dêle.

O materialismo na vida está considerado como o sumo da felicidade humana.

O confôrto na vida, as comodidades na casa, onde as cadeiras nunca são suficientemente confortáveis, a temperatura a gôsto, os estofos macios, tem tornado homem e mulher igualmente egoistas, igualmente culpados em certos desregramentos da vida moderna.

Há mulheres que temem a maternidade, porque fizeram de si próprias o ídolo da sua vida.

Fisicamente receiam ver estragada a sua beleza, em que concentram todo o seu disvelo, todo o interêsse no mundo. As horas são poucas para a gimnástica, massagens, complicados tratamentos de beleza, de onde em geral saiem completamente modificadas e muitas vezes tendo perdido todo o seu natural encanto.

Mulheres assim não querem, nem temporàriamente ver o seu corpo deformado e não podem dedicar aos filhos essas horas, que a beleza artificial que as adorna exige, nem o repouso que conserva pura e leitada a cutis.

Mas mulheres assim são entes anormais, resultando criaturas inúteis na sociedade, incapazes duma dedicação, mulher para quem o decorrer dos anos é um tormento, a velhice uma desgraça, a morte um susto de sempre.

Os anos tiram-lhe a beleza, a velhice não poderá ter carinhos, porque quem não semeia não colhe, e, a morte destruïrá por completo êsse corpo, que foi o ídolo da sua vida. Da alma não falemos porque em geral o espírito é sufocado pelo corpo, para quem só em adorná-lo pensa.

Outras mulheres há que tendo dedicado a sua vida ao estudo, desenvolveram demasiado o cérebro e absorvidas pelos seus afazeres de todos os dias, esquecem-se de que são mulheres e, embora casem, encaram com terror a maternidade que seria na sua vida de trabalho e de esfôrço intelectual um enorme estorvo.

Pobres dessas mulheres que assim pensam porque ao casar, ao formar família, falharam por completo o fim do matrimónio: ter filhos.

Jesus disse: «Amai-vos e multiplicai-vos».

A mulher que compreende a sua missão neste mundo, que ao casar, sabe que vai formar uma família a quem tudo dedica, a sua beleza, a sua vida, a sua saúde, o seu coração e o seu espírito, essa é a mulher que compreende a sua missão, essa é a mulher que cumpre o seu dever.

A maternidade é para a mulher uma ocasião de manifestar a sua superioridade, na maneira como aceita o sofrimento físico e as preocupações morais.

Mesmo numa vida normal sem acontecimentos especiais, a mãi tem sempre que sofrer porque por mais saúde que uma criança tenha, lá vem uma queda, os pequenos incómodos de saúde, as noites mal dormidas, para que a vida da mãi seja sobressaltada, isto enquanto os filhos são pequenos, porque depois de homens ou mulheres, maiores são os sobressaltos, maiores também os perigos que os rodeiam.

É tão difícil viver sem perigos, um mau casamento, leviandades imprevistas, inimigas de toda a ordem que espreitam o homem e a mulher durante a sua existência, tudo isso a mãi presente no seu instinto materno, tudo a atormentará e ela imaginará.

Mas quantas alegrias não tem também a compensá-la dos seus sacrifícios; ver crescer e embelezar os filhos, assistir ao desabrochar dessas inteligências e se a mãi é uma mulher culta, duma alma elevada, com que amor não formará a alma dos seus filhos, não fará o possível para aperfeiçoar os seus sentimentos incutindo-lhe êsses princípios divinos e humanos que formam um perfeito caracter?

Que alegria ao vê los triunfar nos seus estudos, que satisfação ao vê-los aproveitar a educação recebida, vê-la reflorir e desabrochar nas rosas das bôas acções. E quando essa vida de sacrifício é compensada pelo triunfo daqueles que gerou, que criou, que educou, a sua felicidade é inegualável e é das mais completas e perfeitas que uma mulher pode ter; porque é a consagração da sua vida na união com aquele que escolheu para seu companheiro, e é o triunfo de toda a sua dedicação.

E a mulher que assim vive não teme a velhice, não se assusta com os anos, não se importa com a morte. Os anos que lhe tiram vida, fazem desenvolver os filhos, a velhice que lhe traz as rugas e os cabelos brancos, traz-lhe os netos; êsse encanto dum coração de mulher.

Esses seres duplamentos queridos, porque duas vezes são seus, que trazem á sua decadência, a florescência da sua vida.

E não temem a morte porque embora o seu corpo seja destruido, no mundo reflorirá a carne da sua carne, e se levantarão para o alto os espíritos que ela levantou para o bem, dando-lhes a melhor essência de todo o seu ser. Os seus últimos anos terão talvez grandes e profundos desgostos, mas serão rodeados do carinho e afecto daqueles que são o seu enlevo.

Que importa a velhice para aqueles que fizeram do coração e da alma a sua vida?

Como são mais felizes do que as mulheres que sem filhos, vêm fugir os anos, envelhecer o corpo, vir a morte e nada de espiritual e elevado tem a consolá-las da perda da mocidade e da beleza, a que dedicaram toda a sua vida e todos os seus sentidos.

A maternidade é a verdadeira função da mulher é aquela que dedica a sua vida, por completo a essa sagrada missão, embora sujeita a grandes desgostos, embora seja a vítima da fatalidade, e sinta as suas faces queimadas por lágrimas de fogo, pode ainda orgulhar-se de ter cumprido o seu dever perante Deus e perante os homens.

Mas ao formar a alma das suas filhas, que são as continuadoras da sua obra, não deve esquecer de lhe lançar o germen de todos os bons sentimentos, que a maternidade exige, maternidade que será também para elas o fim da vida.

MARIA DE EÇA

PÁGINAS FEMININAS

A beleza suprema aspiração de quási tôdas as mulheres é um dom de Deus, que é necessário evitar, que o demónio aproveite para os seus próprios fins.

A beleza é para a mulher como que um passaporte na vida. Uma cara bonita tem a melhor apresentação, tudo se lhe facilita, e a-pesar-de ser celebrada por todos a inveja feminina, não é bem assim, porque não são só os homens que se deixam dominar pela formosura, mas até as mulheres simpatizam com uma linda cara.

E' evidente que para isso é necessário que a beleza seja simpática e atraente, que a uns lindos olhos, pele asetinada, bôca formosa, se junte um simpático e amável sorriso, uma expressão, agradável, e, não um certo ar de deusa deseida do Olimpo, que têm algumas mulheres bonitas, ar que as desfeia cinqüenta por cento e as torna antipáticas no mais alto grau, que a antipatia póde atingir.

E' rara a mulher que não aspira à beleza e conheço apenas uma simpática rapariga de vinte anos, que se sente muito contente de não ser muito bonita, nem feia de espantar, porque a sua simpática carinha sem grande beleza não atrai os olhares e a deixa seguir serenamente a sua vida, conquistando com a sua simpatia o que a beleza lhe não dá, êsse passaporte, de tudo conseguir na vida. O que é necessário é saber onde o passaporte da beleza póde conseguir levar a mulher que a possui.

Porque se abre tôdas as fronteiras e dá mais intimidades do que um passaporte diplomático em país estrangeiro, póde também levar muito longe, longe de mais a mulher que nasceu bela e que não possui uma sólida cabeça, que lhe faça ver os perigos que a rodeiam, e, que o país do mot está a um passo do país do bem e que é muito fácil transpôr essa fronteira, quando a mulher é bela e a cabeça pouco forte.

Mas, para que a mulher linda o saiba ser, é necessário que tenha tido a felicidade de possuir na vida o melhor bem. Uma mãe que compreendendo tôdas as suas responsabilidades saiba amar as suas filhas sem as envaidecer.

Quando uma criança é linda a mãe envaidece-se da sua obra e habitua a pequenina a ouvi dizer que é a maior maravilha do mundo.

Nada mais perigoso, porque nós nascemos todos com o gérmen da vaidade, não há criança que se não julgue bonita e muito fácil é fazer um monstro de vaidade, duma angelical criança. Um monstro de egoismo um verdadeiro elemento nocivo na sociedade.

A criança cresce enlouquecida pela vaidade, que se não tem o freio da educação severa e moral, póde atingir o paroxismo da inconsciência

E' bonita, póde fazer tudo, aproveita a sua beleza, nefasta nestes casos, para fazer andar à roda a cabeça dos homens, sem medir as graves, as tremendas conseqüências, dêsse movimento de vaidade satisfeita.

Uma mulher bonita sem uma sólida educação, causa os maiores males. Os homens matam-se por causa delas, e não só se suicidam, como também se matam uns aos outros.

Mães perdem os seus filhos, que lhes custaram quási a vida para deitar ao mundo, noites sem dormir na sua primeira infância, lágrimas de fôgo nas suas doenças, sacrifícios de tôda a ordem, e, porque uma mulher bonita e leviana, sem cérebro nem coração se atravessa na vida dum filho adorado ; dum momento para o outro, vêm-se sem êle, perdendo a vida, essa vida que lhes deram e que era a sua própria vida, e tudo isso por causa da beleza duma mulher sem educação moral, que vive para ser bonita e para atirar a sua sedução à sua volta, como uma perigosa serpente atira o seu veneno num jacto de saliva.

A beleza a verdadeira beleza não é essa, a beleza que o homem devia admirar, aquela que as mães devem fazer crescer e aumentar é a beleza moral, são as qualidades de coração que se desenvolvem ; é essa parte superior da humanidade a que se chama a alma, que póde conter em si tôdas as mais requintadas e soberbas belezas.

Não se importem saber se os cabelos são encaracolados ou não, se a pele é asetinada, se as sobrancelhas têm o convencional arco, mas pensem que se a alma é bela, se o coração palpita de nobres sentimentos, a mulher possui, a mais completa beleza, aquela que à sua volta irradia o bem.

A mulher que possui a beleza moral supera em tudo a beleza física, que adorna aquelas que pensam deslumbrar o mundo.

Deslumbra o mundo quem faz o bem, ninguém pregunta se Florence Mytlingale era bonita, e, todos se horrorizam com a beleza de Lucrécia Borgia.

A mulher é bela quando é bôa, quando a sua alma cintila como um diamante lapidado e é essa a beleza a que tôdas podem aspirar, tratando de se aperfeiçoar moralmente.

MARIA DE EÇA.

A moda

Em plena estação de desportos de inverno a moda não pode de maneira nenhuma desinteressar-se das «toilettes» que hão-de embelezar as audaciosas esquiadoras.

Porque a mulher não pode de maneira nenhuma abandonar a sua «coquetterie» embora se entregue aos mais violentos desportos e tenha de se vestir com uma simplicidade masculina.

Isso não está no feitio feminino e ainda bem que assim é, porque nada mais desconsolador que uma mulher indiferente á sua «toilette».

Se é ridícula a mulher que não tem outro pensamento que não seja a sua beleza e a sua elegância, não é agradável aquela que por completo despreza o seu arranjo e a quem é indiferente envergar um qualquer trajo sem gôsto nem interesse, pela forma como êle lhe fica.

A mulher tem de ser prezada, tem de escolher o que lhe fica bem e a torna mais bonita e tem de ser muito cuidadosa na sua «toilette».

É por êsse motivo que nos vamos ocupar hoje da «toilette» de esquiadora a mais masculina das «toilettes» de desporto e que por isso mesmo tem de ser a mais cuidada.

Ann Rutherford a gentil artista da Metro Goldwyn Mayer apresenta-nos uma linda «toilette», se podem ser lindas estas «toilettes» para o desporto no gelo.

Calças e casaco em grossa lã dos pirinéus azul escura, guarnecida com botões de madrepérola, capucho de lã vermelha formando «écharpe» que é guarnecida por riscas brancas e azuis escuras, em diagonal. Luvas nas três côres e meias vermelhas.

Outra graciosa «toilette» compõe-se de calças de pano castanho, casaco em camurça «beige», barretinho em lã «beige» e castanha, «écharpe» nas duas côres. Luvas em lã castanha e «beige».

O trajo que acompanha êste ; fórma na neve uma mancha de côr, em pano vermelho escuro é usado com uma boina da mesma côr, «écharpe» em lã vermelha com desenhos em branco, luvas brancas com canhões vermelhos e brancos eguais á «écharpe».

São três graciosas «toilettes» que porão na Serra da Estrela a nota «chic» que se nota nas estações de inverno estrangeiras.

Para passeio um lindo vestido em pano preto forrado a lã branca. Saia simples e elegante. Colete em fôfa lã branca guarnecido por aplicações em passamenteria preta. Casaco comprido forrado de branco formando bandas. Chapéu em feltro guarnecido por fita «gros-grain», luvas em pelica preta, carteira preta.

Para cerimónia, chá, ou «cocktail party» temos um elegantíssimo vestido em veludo preto e «crêpe satin» branco. Muito colado ao corpo modela uma elegante figura e tem a maior distinção nas originais mangas feitas de tiras envizadas dos dois tecidos. O alto do corpo tem também um elegantíssimo córte no bico em veludo que saindo do peito aperta nos hombros.

Pequeno chapéu em veludo preto, a simplicidade desta elegante «toilette» torna-a dum requintado gôsto e demonstra-nos que não é nas muitas guarnições que está a elegância, mas sim na simplicidade harmónica que marca com verdadeiro «chic».

Outra «toilette» «chic» é a que nos apresenta o casaco de pano grosso preto, guarnecido a raposa cinzenta, dum córte impecável tem um aspecto de riqueza que as peles de raposa lhe dão.

É graciosíssimo o chapéu em veludo preto luvas cinzentas e carteira cinzenta completam o trajo que ficará admiravelmente a uma esbelta loirinha.

Vestido em veludo côr de laranja, a côr que favorece as morenas á noite. O folho em fórma sobe dum lado fazendo fartos «godets» o corpete apanhado em franzidas modela o busto.

Uma gola em «chiffon» preto harmonisa-se com o regalo em «chiffon» que um laço em veludo preto remata.

Luvas altas em veludo preto, como em veludo preto é o forro da ponta do folho que fica solta.

«Toilette» um pouco exótica mas tendo o «chic» de Isobel, de Grasuenor Street.

A arte e os Bonaparte

É notável como nalgumas famílias se mantém o instinto artístico. Na família Bonaparte a família de Napoleão o grande homem que assombrou a Europa no século passado e que tanto mal nos fez, existe êsse instinto, que não admira porque sendo originários da Corsega, são portanto de sangue italiano, o povo artista por excelência.

Carlota Napoleão, filha de José Bonaparte, rei de Espanha, e da rainha Júlia, nasceu em 1802 e passou a sua juventude na América, no Massachussets, para onde foi seu pai depois de Waterloo. Em 1826 casou com seu primo Napoleão Luís, que morreu cinco anos depois.

O seu carácter era volúvel e inconstante, cheio de contradições e arrependimentos, extraordinàriamente obstinado e muito feminino, mas supremamente artístico.

Todos os Bonaparte se sentiam artistas e encheram com os seus desenhos e aguarelas albuns e cartões num nunca acabar.

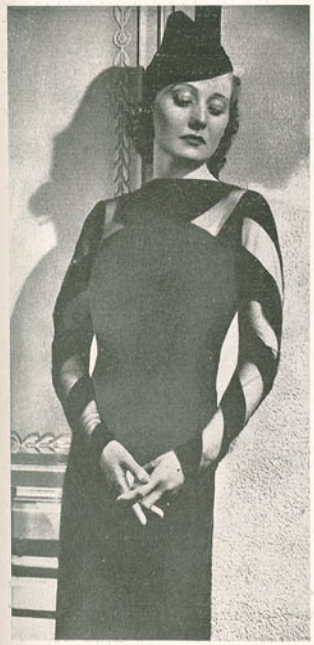
Mas ela foi mais do que uma «diletante» e ao observar os seus desenhos à pena, as suas litografias e as suas numerosas pinturas vê-se logo, o que a torna superior aos seus parentes.

Discípula de David em França, de Belloli e Leopoldo Robert, em Roma, de Benjamin West em Londres, deixou uma série de paisagens e retratos preciosíssimos, não só pelo seu valor iconográfico, mas também porque revelam uma perfeita técnica e uma habilidade e senso artístico, admiráveis.

Em todos os países desde criança, nas horas mais triunfais da sua infância, como nas tristes horas do exílio, ela encontrou sempre as maiores e as mais vivas e eficazes consolações, na arte.

Carlota era o que os franceses chamam uma «charmeuse». Com trato encantador pela sua invulgar espiritualidade ela atraía os espíritos superiores.

Leopardi o célebre poeta italiano tão grande na sua dolorosa arte, e tão pouco acessível a entusiasmos mundanos, apreciava singularmente a companhia e conversa cintilante da deliciosa sobrinha do grande Napoleão.



Em 1831, Recatenese escrevia-lhe em francês «vós sois feita para deliciar os espíritos e os corações».

Na família Bonaparte existe sempre êsse difícil condão, de agradar e saber prender o espírito. E' um dom que ajuda muito na vida aqueles que têm de dirigir multidões.

Coisas da América

Uma pequena notícia nos jornais deixa-nos aterradas. Duas raparigas uma de 20 anos e outra de 17, armadas em «gangsters» assassinavam para roubar!

Estas infelizes anormais, confessaram ao ser presas que procediam assim, porque freqüentando muito os animatógrafos tinham achado muito interessante a vida de «gangster».

Da América nos vêm as fitas de «gangsters« essa terrível escola da infâmia, do roubo, do assassinato, vemos por esta notícia quais os efeitos de semelhantes exibições. Porque não fecha a Europa a sua porta a estes péssimos filmes?

Temos de nos defender e evitar ás crianças e aos jóvens esses espectáculos degradantes, que têm perigosíssima influência naqueles que não têm o seu carácter formado e que nunca poderão ser um divertimento para quem possue uma alma sã e bem formada.

É urgente acabar com essas escolas do mal que têm tornado a América do Norte, um tão simpático país, num covil de bandidos que aterra com as suas extraordinárias proezas. Defendamo-nos emquanto é tempo e o pudermos fazer.

Higiene e beleza

Várias senhoras se afligem porque notam que o pescoço e a nuca perdem a sua delicadeza de aspecto. Efectivamente com os anos se a gordura começa a afligir, a nuca torna-se feia.

A melhor maneira de modificar êsse estado de coisas é a gimnástica de movimentos:

1.º Colocar se muito direita. Pôr as mãos na nuca e abaixar a cabeça tanto quanto possível até tocar o peito.

2.º Levantar a cabeça e inclina-la para trás o mais possível, fazer isto doze vezes.

3.º Executar um movimento rotatório da cabeça de alto a baixo.

4.º Voltar a cabeça á direita e á esquerda.

Ao fim dum tempo de fazer esta gimnástica a nuca volta à sua primitiva esbeltez, o que é necessário é uma grande persistência, porque estes tratamentos de gimnástica são sempre demorados, mas também podemos afirmar que são sem dúvida os mais eficazes.

De mulher para mulher

Alda: É um êrro em que muita gente vive em Portugal. O aquecimento não faz mal seja êle qual for, se os esquentadores de petróleo forem bem tratados não cheiram mal, e, coloca-se-lhe em cima uma vasilha com água, para que a atmosfera não seque de mais e se não torne irrespirável. O que é péssimo para a saúde é estar em casa com frio como acontece em algumas casas em Lisboa.

Violeta: Há pensões muito sérias em Lisboa que podem ser frequentadas por senhoras. E' uma questão de se informar. Eu não a posso esclarecer, porque tendo casa minha em Lisboa, não conheço pensões. Sôbre o cabelo, acho que o deve deixar como está.

Graciosa: Nas Laranjeiras há um «tennis» onde se joga todo o ano e na verdade não há como o exercício para combater o frio. A's «suow boots» são estas botas que aqui se usam para a chuva. Para a serra, usam-se botas encebadas e cardadas. E' muito prático sem dúvida, êsse género de casacos.

Noiva: Naturalmente que deve visitar a tia do seu noivo, visto êle dedicar-lhe tanto afeto e desejar tanto que a conheça. É dou-lhe o conselho se quer viver bem e ser feliz, seja muito afetuosa com a sua futura família e mostre muito interesse em a conhecer, sendo o seu noivo tão amigo da família como diz, íntegre-se nela e não o queira desviar. É um êrro de muitas meninas quando casam e que só serve para crearem inimigos naqueles que deviam ser os seus amigos porque são os do seu marido. É preciso ter muita diplomacia quando se entra numa nova família.

Violeta: — Os vestidos leves ficam bem em tôdas as idades, a questão é saber escolher os tecidos e as côres. Êste ano de tanto calor pede na verdade, êsses vestidos. A «capeline» ou o «canotier» estão indicados.

Leia a «Cidade e as Serras» de Eça de Queiroz, está indicado para êsse estado de espírito, e, talvez a receita se a pode fazer, lhe dêem o resultado preciso.

FIM DE FESTA

Bridge

(Solução)

Espadas — V. 10, 9, 8, 7, 2
Copas — V. 7, 6
Ouros — A. R. V. 7
Paus — — — —

Espadas — 4, 3	**N**	Espadas — R. D. 6
Copas — 9, 8, 5, 4, 3	**O** **E**	Copas — 2
Ouros — 9, 8, 5, 4		Ouros — D. 10, 6
Paus — V. 6	**S**	Paus — 10, 8, 7, 5, 3, 2

Espadas — A. 5
Copas — A. R. D. 10
Ouros — 3, 2
Paus — A. R. D. 9, 4

Trunfo copas. **O** joga 9 *o.*; **S** faz meio chelem:

Este problema faz parte dum concurso holandês e bem podia ser posto a prémio, tão difícil é a resolução.

(Solução do número anterior)

O joga 7 *c.*, **S** faz D. *c.*
S joga 4 *c.*, **N** faz 10 *c.*
N joga A *o.*, **O** joga R. ou V. *o.*, para tentar firmar o 10 de *o.* de **E**.
N joga 4 *p.*, **S** faz o R. *p.*, pois se **E** entrar com A. *p.*, firma 4 vasas a **S**.
S joga 6 *o.*, **O** V. *o.* (*a*), **N** cede.
O joga 3 *o.* (*b*), **N** faz D. *o.* e 7 *o.* e joga 3 *p.*, obrigando **O** a fazer D. *p.*
Qualquer carta que **O** jogue, **S** cumpre.
(*a*) Se **O**, em lugar do 3 *o.* jogar D. *p.* **N** faz D. *o.* e 7 *o.* e joga 3 *p.*
(*b*) Se **O**, em lugar do V. *o.* jogar o 3 *o.*, **N** — D. *o.* e 2 *o.* para dar a mão a **O** no V. *o.* e o jogo segue como anteriormente.

Três anos em jornada

No meio das aclamações duma grande multidão, um compositor de Graz, na Stiria, chamado Augusto Mader, partiu recentemente da sua terra, a pé, para ir assistir aos Jógos Olímpicos, que se hão de realisar em Tokio em 1940.

Quantos seriam?

(Solução)

Eram 22 aves e 14 mamíferos.

Para responder sem demora

Alberto é sobrinho de Leonor. Leonor não tem irmãs.
Seu irmão único, João, casou com Margarida.
Qual é o gráu de parentêsco entre Alberto e Margarida?

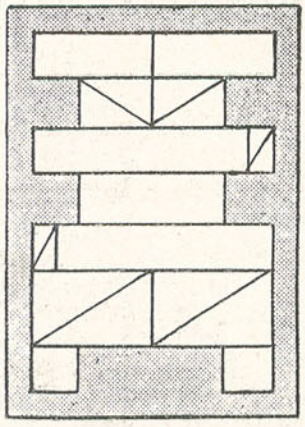
Sinistro fim dum pintor de retratos

Guilherme Key foi um notável pintor holandês do século XVI, a quem sucedeu o mais estranho caso, nunca acontecido a nenhum outro pintor, felizmente para estes.

Gozando de grande celebridade como pintor de retratos, e vivendo em Antuerpia, quando ali estava o duque de Alba, foi chamado à presença dêste para receber a encomenda do seu retrato. Pois não faltam biógrafos seus que afirmem ter êle morrido, logo imediatamente a essa visita, únicamente pelo mêdo que lhe meteu a fisionomia do duque!

Verdade seja afirmarem outros que o terror que lhe ocasionou a morte foi motivado pelo facto do duque, enquanto combinava com ele a feitura do retrato, combinar, simultâneamente com os magistrados, a morte do conde de Egmont, do conde de Horn e de outros fidálgos. O seu espanto foi de tal ordem que morreu no mesmo dia da execução desses patriotas (5 de julho de 1568).

Paciência geométrica



Decalcar êste desenho, colá-lo sôbre cartão fino, recortar as diversas figuras de que êle se compõe e colocá-las de modo a formar, com elas, um losango.

A lua e a iluminação pública

No decurso do século XVIII, antes de 1774, em que Lenoir foi nomeado intendente da polícia, em Paris, havia uma economia administrativa com que êle acabou e que não deixava de ser curiosa. Havia um emprezário da iluminação das ruas, a quem se pagava certa quantia estipulada por contracto, mas a quem se faziam cetas deduções, calculadas pelos momentos de interrupção, durante os quais a lua devia iluminar o suficiente para se prescindir da luz artificial. Ora, isto não se dava sempre, sobretudo nas noites enevoadas e brumosas.

Foi, a propósito duma dessas ocasiões que um personagem de comédia dizia, com aplauso dos espectadores: «A lua contava com os candieiros e os candieiros contavam com a lua; mas não há candieiros nem lua, e o mais claro de tudo isto é ficar-se completamente no escuro.

Essas deduções constituiam um fundo de gratificações ou de ordenados, a que se dava o nome de *pensões sôbre o luar*.

O célebre e notável intendente policial, a quem nos referimos, suprimiu essas ridículas economias, e Paris ganhou ter iluminação nocturna com todo o tempo.

Palavras cruzadas

(Solução)

E	S	O	P	O	■	U	T	I	C	A
L	E	N	A	■	I	■	U	R	A	L
D	I	A	■	A	S	A	■	A	B	A
E	S	■	■	A	B	C	■	■	A	I
R	■	D	O	■	A	■	C	A	■	S
■	B	A	C	H	■	N	O	P	A	■
N	■	L	A	■	S	■	A	A	■	F
O	B	■	■	S	O	S	■	■	S	E
N	O	E	■	O	D	E	■	C	A	N
I	O	T	A	■	A	■	S	A	D	O
O	M	A	H	A	■	S	A	L	O	L

A invenção do piano

O instrumento denominado *piano*, teve os seus predecessores, no monocórdio, no clavicórdio, no címbalo, na espineta, no cravo, etc.: e deveu a sua origem à idéia de reunir, em um só instrumento, as vantagens do timpanon e do clavicórdio com o fim de obter a gradação na som, evitando a resonância da percussão, por uma acção apagadora.

O primeiro, que levou à prática essa idéia foi Baldomero Chrisfali, natural de Parma, daiando de 1711 uma *Memória*, onde Christofali descreve o *piano-forte*.

Alguma coisa análoga fez, em 1721, Jose Gottlob Schroter, que apresentou dois modêlos parecidos, na côrte de Dresden; supondo-ss por certas imperfeições do mecanismo que Gottlob não conhecia o invento de Christofali.

Até 1820, o piano recebeu inumeras inovações no seu mecanismo, sendo, sem dúvida, a mais importante a chamada *repetição*, que se deve a Sebastião Ehrhardt.

De há cinqüenta anos para cá, adquiriu já ta perfeição o seu mecanismo que não admite senão inovações de ordem muito secundária.

— O quê?! outra vez sem dinheiro! Ainda ontem lhe dei um tostão!
— E' verdade, minha; mas, então, que quer? Parece-me que ontem fui um pouco extravagante.

(Do «Windsor Magazine»)

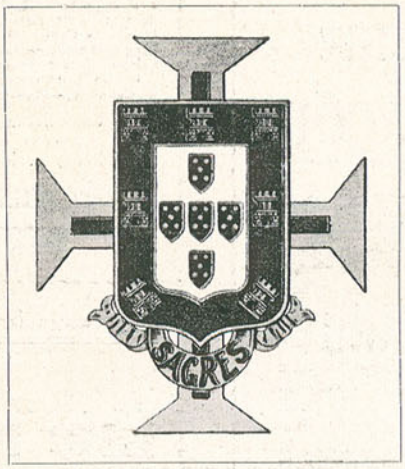
Companhia de Seguros SAGRES

Sinistros pagos até 31-12-1936
Esc. 19.048.594$54

Seguros Acidentes de Trabalho

Seguros de automóveis, Responsabilidade civil, todos os riscos

CONSULTEM
A
SAGRES



Capital e reservas em 31-12-1936
Esc. 13.915.096$56

Seguros Postais, Fogo, Marítimos, Agrícolas e Cristais

Seguros de Vida em tôdas as modalidades

CONSULTEM
A
SAGRES

Companhia de Seguros SAGRES

RUA DO OURO, 191 — (Edificio próprio) — **Telef. 2 4171**

A Companhia mandará um empregado a quem o solicitar mesmo pelo telefone

---

À VENDA

A Patologia da Circulação Coronária

O problema da angina pectoris
O infarto do miocardio
O sindroma de Adams-Stokes

PELO **DR. EDUARDO COELHO**
Professor da Faculdade de Medicina

1 vol. de 168 págs. no formato 17,5 × 26, em papel couché, profusamente ilustrado, Esc. **25$00**
Pelo correio à cobrança, Esc, **27$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

À VENDA

EUGÉNIO DE CASTRO

ÚLTIMOS VERSOS

1 vol. de 104 págs., brochado... **10$00**
Pelo correio à cobrança ..... **11$50**
Edição especial numerada, assinada pelo autor ... Esc. **25$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Estoril-Termas

Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisioterápico

PARQUE DO ESTORIL
ABERTO TODO O ANO

Banhos de água mineral e de água do mar quentes, Banhos CARBO-GAZOSOS, Duches, Irrigações. Pulverizações e Inalações, etc.

ONDAS CURTAS. DIATERMIA. Raios Ultra-violetas e Infra-vermelhos. Electricidade médica. MECANOTERÁPIA e Maçagens.

MAÇAGISTAS ESTRANGEIROS ESPECIALIZADOS
CULTURA FÍSICA
AQUECIMENTO CENTRAL

Consulta médica das 9 às 12 — Telef. E. 402. (P. B. X.)

Uma boa colecção de livros de grandes autores dá categoria a quem a possue

A LEITURA DELEITA E INSTRUE

VENDAS A PRESTAÇÕES

ENTREGA IMEDIATA DAS OBRAS contra o pagamento da 1.ª prestação

A LIVRARIA BERTRAND

estabeleceu um sistema especial de vendas que denominou

Crediário Cultural

Por êste sistema,—novo processo de vendas adoptado nalguns países da Europa e especialmente da América,—contribue-se para a cultura dum povo, facilitando-se a aquisição das obras dos mais notáveis autores.

Prestações mensais desde vinte e cinco escudos, segundo a importância da compra, **sem fiador, sempre com a bonificação do sorteio e com direito à escolha de obras mencionadas em catálogo especial.**

O comprador favorecido com o sorteio não paga mais nada, saldando assim a sua conta apenas pelo que tiver pago.

Peçam catalogos e informações á

LIVRARIA BERTRAND

A mais antiga livraria de Portugal

Rua Garrett, 73 — LISBOA

UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

VIAGENS EM ESPANHA

por **JÚLIO DANTAS**

À VENDA O 3.º MILHAR

O pórtico da glória — La maja desnuda — Os bôbos de Velásquez — Galiza e a saudade — Mósen del Sevillano — A Aljaferia de Saragoça — Princezas de Moro e de Tiziano — O túmulo de Rosalia — A armadura de D. Sebastião — O luar de Pontevedra — La Tirana — Las mujeres son buenas — Bárbara de Bragança — Rainha de uma noite — Carlota Joaquina num quadro de Goya — A língua galega — A rainha peregrina — El Português em Sevilla — A loucura de Don Quixote — O castelo do rouxinol — Lopo de Vega em Portugal — Um português na obra de Cervantes — Puente de Bárzia — Toledo e o «Greco» — Los desastres de la guerra.

Um volume de 312 páginas, brochado, com capa a côres, oiro e prata . . . . . 12$00
Pelo correio à cobrança . . . . . 14$00

Pedidos aos editores: LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda

SAMUEL MAIA

Êste mundo e o outro

O outro mundo — Arca de Noé — Este mundo de agora (1930) — Tempo de 1932 — Tempo de 1935 — Tempo de 1936 — Juizo final

1 volume de 298 páginas, brochado . . . . . 12$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Prémio Ricardo Malheiros

MIRADOURO

TIPOS E CASOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

TITÚLOS DOS CAPÍTULOS:

O capote do Snr. «Mariquinhas» — Apêgo à Dôr — Dr. Mendes «Gira» — Feira de Ano — Lúcia — Um sobretudo de respeito! — A paz do Lar — Uma espada... embainhada! — O Barboza de Sezins — O Morgado de Sabariz.

1 vol. de 320 págs., broch. . . 12$00 enc. . . 17$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

PAPAGAIO REAL

CONTOS INFANTIS

POR **CARLOS SELVAGEM**

Com ilustrações a côres de MAMIA ROQUE GAMEIRO

1 vol. de 68 págs. brochado .. Esc. 8$00
Pelo correio à cobrança ..... Esc. 9$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND - R. Garrett, 73-LISBOA

Novidade literária

ROLÃO PRETO

REVOLUÇÃO ESPANHOLA

ASPECTOS — HOMENS — IDEIAS

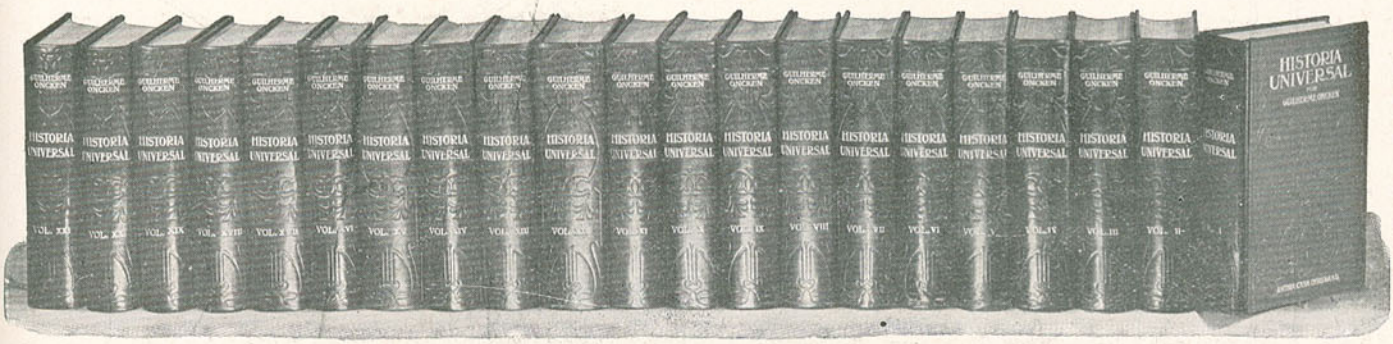
Depoimento sôbre a guerra civil espanhola e o movimento da falange nacional-sindicalista

1 vol. de 214 págs. ilustrado, brochado Esc. 10$00
Pelo correio à cobrança ..... Esc. 11$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, R. Garrett, 75 — LISBOA

Venda a prestações contra entrega imediata da obra.

O cliente paga a 1.ª prestação e pode levar para casa os 21 volumes tendo ainda a vantagem do sorteio que lhe pode proporcionar o pagamento da obra por uma deminuta importância



HISTÓRIA UNIVERSAL

de GUILHERME ONCKEN

A mais completa e autorizada história universal até hoje publicada

Tradução dirigida por

CONSIGLIERI PEDROSO, AGOSTINHO FORTES, F. X. DA SILVA TELES e M. M. D'OLIVEIRA RAMOS

antigos professores de História, da Faculdade de Letras

21 vols. no formato de 17 cm. × 26 cm., 18.948 págs., 6.148 grav. e mais de 50 hors-textes

Muito bem encadernados em percalina e letras douradas

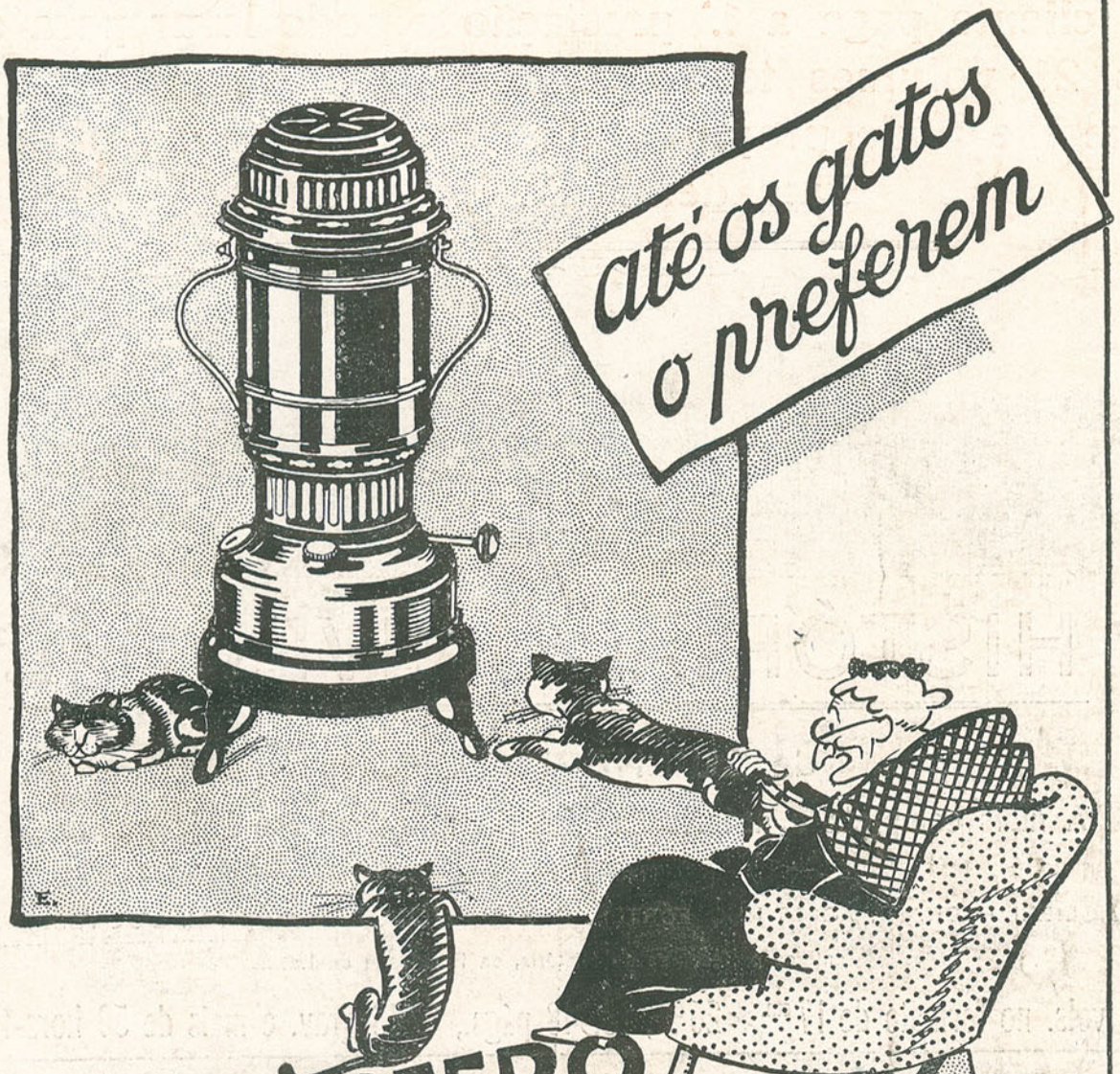
Em 20 prestações mensais de Esc. 75$00 com resgate por sorteio mensal Esc. 1.500$00

COMO É O SORTEIO? Os recibos das prestações com direito a sorteio levam o número da inscrição (só dois algarismos). Quem tiver o número igual aos últimos dois algarismos do número premiado com o 1.º prémio da última lotaria do mês **NADA MAIS TERÁ QUE PAGAR** liquidando assim o débito que nessa data tiver de prestações a vencer. **ASSIM PODERÁ SALDAR O SEU DÉBITO, APENAS COM UMA OU MAIS PRESTAÇÕES** conforme a sorte bafejar o comprador. Desta vantagem **NÃO BENEFICIARÁ O COMPRADOR** que estiver em atraso de uma ou mais prestações.

Mediante pequena formalidade o comprador, apenas com o pagamento da 1.ª prestação, pode levar a obra completa para sua casa

Peçam informações mais detalhadas à

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA



CALORIFERO VACUUM 99

USAR SEMPRE PETROLEO VACUUM SUNFLOWER

Os Caloriferos "VACUUM 99", asseguram a máxima economia, em virtude do seu grande rendimento térmico. São providos de sistema de gasificação regulavel, e fervem 1 litro de água em 6 minutos.

Só são Caloriferos Vacuum 99 aqueles que teem gravado a marca VACUUM

1636